

«Destruir – (Re)Construir»

A reparação simbólica numa
aplicação conjunta - Rorschach
entre mãe e filho

Margarida da Silva Ferro Costa Pereira

Orientador de Dissertação:

Prof. Doutora Maria Emília Marques

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Prof. Doutora Maria Emília Marques

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA APLICADA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Prof. Doutora Maria Emília Marques, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Maria Emília Marques, pela sua presença constante e partilha de *saber(es)* ao longo deste percurso. Por abrir espaço à nossa capacidade de pensar, permitindo o trilho de um caminho de liberdade, reflexão e crescimento pessoal.

Ao Gonçalo e à sua mãe por nos permitirem pensar através deles.

A todos e companheiros desta caminhada, pela força e amizade.

Ao díspar teatro, presença insubstituível ao longo deste percurso no ISPA, pela descoberta de um novo mundo de expressão e criação.

Aos meus pais e irmãos, pela travessia comum nos caminhos da reparação.

Por fim, à minha avó, pela sua vida.

RESUMO

Neste estudo considerámos fundamental analisar os processos psíquicos de reparação, enquanto movimentos inerentes e presentes em todo o funcionamento e psiquismo humano, que se manifestam num início precoce e se desenvolvem ao longo da vida. Temos como base as concepções de Houzel sobre a *reparação simbólica*, desenvolvidas a partir de um referencial kleiniano, pós kleiniano, e o modelo bioniano do desenvolvimento do pensamento e crescimento mental.

Para aceder ao nosso objecto de estudo, utilizaremos o método Rorschach, numa lógica de aplicação conjunta a mãe e filho, possuindo este possibilidades profundas de acesso ao mundo interno dos sujeitos, numa dialéctica de comunicação, relação, simbolização e recriação dum novo objecto, procurámos alargar novas potencialidades deste instrumento com elaboração de determinados procedimentos de análise, com vista à reflexão dos processos psíquicos de reparação simbólica nas narrativas interligadas, relacionadas e criadas por mãe e filho. Encontrámos assim, na dinâmica projectiva conjunta, movimentos de procura de transformação e reparação, e simultaneamente outros símbolos paralizantes, de destruição, sempre que a dor mental se manifestava demasiado dolorosa, não podendo ser significada, transformada e reparada.

Palavras-chave: reparação simbólica, aplicação conjunta Rorschach; simbolização, transformação, expansão mental

ABSTRACT

In this study we considered the analysis of the mental reparation processes, as important psychic movements, present in all human functioning, acquired in early stages and developed throughout life. We based our object of study on the concepts of Houzel on the symbolic reparation developed from a kleinian and post- kleinian reference, and the bionian model on the development of thought and mental growth.

To access the object of our study, we use the Rorschach method in a logic of joint application between mother and child, having this instrument profound possibilities of access the inner world of subjects, in a dialectic of communication, interpretation, symbolization and recreation of a new object; we sought to extend the potential of this new instrument with the elaboration of certain review procedures, in order to reflect the mental symbolic reparation processes in the interconnected, related narratives created by mother and child. Thus we found, in the dynamic projective joint application, internal reparation movements and simultaneously the appearance of paralyzing and symbols of destruction, when the mental pain manifested itself too painful, in a way that it cannot be signified, transformed and repaired.

Keywords: symbolic reparation, joint Rorschach application; symbolization, transformation, mental expansion

“O início”

Se cada segundo da nossa vida tiver de se repetir um número infinito de vezes, ficamos pregados à eternidade como Jesus Cristo à cruz. No mundo do eterno retorno, todos os gestos têm o peso de uma insustentável responsabilidade. (...)

Mas na verdade, será o peso atroz e a leveza bela?

O fardo mais pesado esmaga-nos, verga-nos, comprime-nos contra o solo. Mas na poesia amorosa de todos os séculos, a mulher sempre desejou receber o fardo do corpo masculino. Portanto, o fardo mais pesado é também, ao mesmo tempo, a imagem do momento mais intenso de realização de uma vida. Quanto mais pesado for o fardo, mais próxima da terra se encontra a nossa vida e mais real e verdadeira é.

Em contrapartida, a ausência total de fardo faz com que o ser humano se torne mais leve do que o ar, fá-lo voar, afastar-se da terra, do ser terrestre, torna-o semi-real e os seus movimentos tão livres quanto insignificantes. Que escolher, o peso ou a leveza? (...). Uma coisa é certa: a contradição pesado - leve é a mais misteriosa e ambígua de todas as contradições (p.13).

Milan Kundera (1983), *A insustentável Leveza do Ser*

Os livros falam-nos de nós, da nossa vida e das inquietações e perguntas que (não) podem ser respondidas. Falam-nos dos contrastes, das nossas luzes e sombras, da leveza e do peso de dentro. “Na realidade, todo o leitor é, quando lê, o leitor de si mesmo” referiu Marcel Proust. Acrescento ainda que todo o escritor quando escreve, é o escritor de si mesmo. A melodia das palavras, canta silenciosamente a história da nossa vida, e as inúmeras histórias que ouvimos contar.

Em pequena dizia convictamente que queria ser escritora: preenchia cadernos com breves histórias, e sonhava um dia escrever também um livro. Hoje, passados alguns anos, sinto que apesar de distantes no tempo a ânsia e o desejo de escrever mantêm-se ainda vivos. As palavras surgem como fragmentos de vida e memórias da nossa existência, revelam em cada linha, as linhas e novelos do nosso mundo interno, os laços que criámos, os nós que desatámos, e o vazio que transformamos.

Um projecto de investigação é criado por muitas linhas e infinitas palavras e apresenta-se antes de mais, como um convite à investigação interna, que num momento posterior se traduz e concretiza num plano externo. Assim, o movimento de investigação, alia-se ao desejo de saber e procurar, de fazer perguntas, num olhar mais longe e mais fundo,

distante dos limites, em direcção ao mistério e (in)finitude do ser humano. Mergulhamos assim na ânsia de saber, de nadar em águas mais fundas, caminhar e alcançar o cume da montanha, adoptando uma atitude de pequenos exploradores, que caminham, mesmo pela escuridão da noite apaixonados pelos mistérios e “enigmas” da floresta. A partir do nosso sentir e sentidos, buscamos (novos) sentidos.

Desta forma, um projecto de investigação, visa também um maior enriquecimento interno e relacional, no sentido em que procuramos conhecer e olhar mais profundamente para dentro de nós e para os outros, perto de nós. Assim, este projecto apresentou-se antes de mais como uma rica possibilidade de conhecimento mais aprofundado de algumas relações, as mais antigas e também as mais recentes.

“Este foi o ano em que melhor te conheci, os meus olhos viraram-se para a origem dos movimentos que dia após dia vais repetindo. Desde pequena que te vejo sentada na mesma cadeira onde descansas nos teus tempos livres, entre os diferentes afazeres da vida: a cozinha, o cuidado com a casa “vazia” e o carinho com que cuidas e regas as plantas do teu quintal. Sentas-te perto do sol, aproveitando até ao fim a luz do dia: “A luz natural é a melhor para trabalhar”- dizias-me muitas vezes.

E lá estavas tu, sentada na mesma cadeira, das poucas em que te sentes confortável, mergulhada no trabalho que te resgatou e salvou. Oíço as pessoas queixarem-se do trabalho, mas tu agradeces e pedes a Deus que te conserve o corpo para trabalhares até ao final da tua vida.

E aí te encontro, em silêncio, a cozer.

Dialogando com Deus e com a vida e todos aqueles que trazes dentro de ti, com uma agulha na mão e um dedal no dedo, cozes e unes os retalhos de tecido rasgado. Arranjas aquilo que estava roto e estragado, unes o que estava separado e desligado, fazes renascer aquilo que estava velho. A partir de tecidos vazios e abandonados, crias um novo mundo, preenches o branco com rendas e bordados; transformas um novelo de linha num (novo) objecto, mergulhando num universo de inúmeras possibilidades.

Nas tuas orações diárias com que inicias e terminas o dia, murmuras silenciosamente as tuas preces e também aqui procuras reparar-te e reparar os outros dentro de ti. Um dia contaste-me que dedicavas um dia da semana para rezar por cada um de nós. E no teu rosto conheci um leve sorriso, expressando a eterna fidelidade de um trabalhador devoto.

Desde que me conheço, que te vejo apaixonada pela mesma tarefa: pelas costuras, bordados, vestidos que carinhosamente fazes para nós. Em pequena, sentava-me ao teu lado e por vezes perguntava-te: “E quando se engana, não fica chateada?” E tu respondias-me tranquilamente: “Não tem mal enganarmo-nos porque podemos sempre voltar atrás...” Eu surpreendia-me com a tua calma, serenidade e liberdade de te poderes enganar e voltares a corrigir.

Ali encontras a possibilidade de voltar atrás e reparar o que ficou estragado.

Nunca te ouvi queixar da alma, nunca me disseste que te sentias triste ou aborrecida, apenas te queixavas com muita força de dores nos pés, dizias que já não sabias o que fazer com tantas dores...Depois compreendi que aquela era a forma de te queixares de tantas outras dores, sendo os pés a parte do corpo que sustenta o nosso peso, transportando todo o caminho de vida percorrido.

Com a elaboração deste projecto, compreendo a força daquilo que te agarra ao trabalho: uma procura intensa de **reparação**. Pelas costuras, e arranjos de roupas estragadas, procuras reparar os teus objectos internos, as pessoas que amas e odeias que habitam dentro de ti e assim aliviar a tua culpabilidade. Apesar do cabelo branco e das rugas marcadas na pele, através desse teu trabalho, um bocadinho de ti, nasce todos os dias de novo...

Enquanto tu, na tua velhice procuras ainda silenciosamente cuidar e reparar aqueles que amas e odeias, através das linhas e novelos que cuidadosamente vais unindo, construindo um todo unificado a partir daquilo que estava fragmentado e disperso...uma criança de oito anos, foi também tecendo nas suas brincadeiras, sucessivos movimentos reparadores.

Conheci-te há uns meses atrás, vieste em direcção a mim com uns olhos negros muito tristes, que contrastavam com um sorriso vazio e deste-me um beijinho. Aquele era um movimento que repetias muitas vezes, mesmo com desconhecidos, manifestando um apelo e desejo de ser amado. Aqueles beijinhos poderiam representar simbolicamente o teu desejo inconsciente de reparar objectos internos, que no teu interior atacaste e destruístes e assim no plano externo, podes voltar a curá-los.

Nas primeiras sessões querias brincar aos puzzles, unir as peças que estavam separadas, até formarem também um todo coeso e completo. Mais tarde, quando brincávamos com a casinha de madeira, em todas as sessões me dizias que a casa estava muito velha e

estragada e por isso precisava de ser arranjada. Passámos longos períodos com ferramentas nas mãos, entregues à tarefa de voltar a reparar e arranjar a casa. Num outro momento do processo terapêutico, querias desmontar as construções de lego, para juntos voltarmos a montar e assim repetimos este movimento...muitas e muitas vezes.

Contigo aprendi que todas estas brincadeiras e movimentos continham um desejo silencioso de reparação: dos outros dentro de ti, de ti para ti...Contigo aprendi também, que desde o nascimento até à morte, buscamos e trilhamos possíveis caminhos de reparação, numa busca de uma maior unidade e integração interna.

E assim, sem se conhecerem, em lugares diferentes, e idades opostas, a vossa vida converge e encontra-se num único ponto: os movimentos reparadores que dia após dia vão silenciosamente tecendo.

ÍNDICE

| | | |
|--|-----------------|------------|
| INTRODUÇÃO | 1 | |
| defnido | 1 | |
| 1. A REPARAÇÃO | 4 | |
| defnido | 4 | |
| 1.1. - Sobre a reparação: da destruição à (re) construção | 4 | |
| 1.2. - Da formação simbólica à criação artística | 8 | |
| 1.3. - Capacidade de pensar, crescimento e expansão mental | 14 | |
| 2. OBJECTIVO de ESTUDO | 22 | |
| 3. METODOLOGIA | 25 | |
| 3.1. Modelo de Estudo | 25 | |
| 3.2. Método Rorschach | 26 | |
| 4. PROCEDIMENTOS de ANÁLISE | 29 | |
| 4.1. Vínculo ♀♂ simbiótico, função α transformadora e oscilação dinâmica Ps↔D | 30 | |
| 4.2. Vínculo ♀♂ comensal, função α incipiente e perturbações na oscilação Ps↔D | 33 | |
| 4.3. Vínculo ♀♂ parasitário, função α inoperante e falhas severas na oscilação Ps↔D | 35 | |
| Erro! | Marcador | não |
| defnido | 37 | |
| 5. APRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS | 39 | |
| 6. ANÁLISE do PROTOCOLO - Dois caminhos que trilham um caminho partilhado | 40 | |
| 6.1. Quadro resumo dos procedimentos na oscilação dinâmica de respostas mãe - filho | | |
| 7. DISCUSSÃO | 54 | |
| 8. CONCLUSÃO | 60 | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 63 | |
| ANEXOS | 66 | |
| ANEXO A: PROTOCOLO RORSCHACH | 66 | |
| ANEXO B: PSICOGRAMAS | 70 | |
| Psicograma total mãe e filho | 70 | |
| Psicograma Gonçalo | 71 | |
| Psicograma mãe | 71 | |

INTRODUÇÃO

“É natural que quem quer «elevant-se» sempre mais, um dia, acabe por ter vertigens. O que são vertigens? Medo de cair? Mas então porque é que temos vertigens num miradouro protegido com um parapeito? As vertigens não são o medo de cair. É a voz do vazio por debaixo de nós que nos enfeitiça e atrai, o desejo de cair do qual logo a seguir, nos protegemos com pavor. “ (p. 75)

Nascemos mergulhados na dor, mas também no amor. A dor e o amor habitam a mesma casa, encontram-se olhos nos olhos numa dança inseparável sem fim, e caminham lado a lado ao mesmo som e ritmo que os passos da humanidade. A dor e o sofrimento inquietam, questionam, fazem pensar, cristalizam-se no corpo e encontram as palavras para se dizer *“cada vez mais me dou conta de que a maneira mais profunda de penetrar num ser ainda é escutar a sua voz, compreender o próprio canto de que é feito”* (Marguerite Yourcenar 1950 cit. por Fleming 2003).

Em nós, habita a ambivalência e o contraste: a luz e a sombra, a verdade e a mentira, a vida e a morte, o amor e o ódio, assim, interessa-nos pensar a ambivalência e a divisão própria de cada ser humano, reflectindo os caminhos que cada um percorre, para integrar e (con)viver com sentimentos opostos.

A reparação do ódio e agressividade que temos pelas pessoas que também amamos, apresenta-se como uma tarefa de toda a vida psíquica, presente no bebé e no adulto. Este é um processo psíquico presente em qualquer ser humano, independentemente da sua estrutura psicológica que jamais se conclui e se vai desenvolvendo ao longo da vida. Atingir a posição depressiva é um passo evolutivo, um passo incerto e um passo que constitui portanto uma tarefa da vida inteira (Hinshelwood 1992). A posição depressiva nunca é verdadeiramente superada; a ansiedade, ambivalência, a culpa e situações de perda habitam sempre dentro de nós e reactivam as experiências depressivas do passado (Segal 1964). A primeira dor é sempre a da falta e ausência, dum sentimento inevitável de perda, dum amor e proximidade que existiu, mas que teve que se perder.

No entanto, acreditamos que enquanto existe vida, existem novos caminhos e movimentos reparadores: reparação de nós próprios, reparação daqueles que amamos e simultaneamente odiamos....muitas reparações e repetições habitam na profundidade das nossas acções: repetir, repetir, repetir, na esperança de um dia curar e reparar. Assim,

sentimos que a reparação é um conceito psicanalítico de grande importância na vida psíquica, que iremos procurar (re) pensar e explorar na situação projectiva. Interessa-nos pensar os processos psíquicos de reparação, presentes em qualquer um de nós, independentemente da estrutura psicológica. Interessa-nos pensar além da “patologia”, trilhando (novos) caminhos de abertura ao funcionamento psíquico de cada um nós que se movimenta silenciosamente num desejo de maior verdade e infinito.

Assim, os objectivos deste trabalho consistem: na exploração e expansão dos processos psíquicos de *reparação* na prova projectiva Rorschach; investigação das (novas) potencialidades e possibilidades desta prova, através da aplicação conjunta a mãe e filho.

Neste sentido, interessa-nos pensar o espaço projectivo, como um espaço potencial de novas possibilidades, onde em cada narrativa intervêm também processos psíquicos de reparação, criação e transformação. Esta metodologia desenvolve-se num espaço potencial e criativo, onde a relação com a mancha espelha as relações que se estabelecem com os objectos internos, oscilando estas entre movimentos de amor - ódio e procura de reparação.

Assim, propomos uma aplicação conjunta a mãe e filho, da prova projectiva Rorschach, reflectindo de que forma ambos se encontram e dialogam num *espaço intersubjectivo de relação, simbolização, (re) criação, transformação e construção* (Marques 1999), dando lugar a processos de comunicação inconsciente onde se torna possível dizer o indizível, revelar-se e recontar-se num espaço de liberdade e criatividade.

Na situação projectiva conjunta, mãe e filho preenchem, olham, deixam-se olhar, destroem e voltam a construir, numa experiência partilhada de dor e sofrimento, mas também de (re) criação e reconciliação. O encontro de ambos num espaço intersubjectivo de diálogo inconsciente, permite processos de comunicação dentro-fora, eu- outro, onde intervêm processos psíquicos de reparação mútua, do outro dentro de mim, que me olha e olha a mesma mancha que eu. A aplicação conjunta a mãe e filho, remete para uma experiência primitiva, de grande proximidade e ligação, em que ambos se olham, e olham o mesmo continente, materializado pelo branco e pela mancha. A situação projectiva, abre portas para um mundo inconsciente, para a representação de si e da relação, mobilizando mecanismos de projecção e identificação projectiva, através dum convite regressivo a um tempo de relação primária. Que elementos são projectados e esperam desesperadamente por ser transformados? Que comunicação e vivência de rêverie existiu no passado e se actualiza hoje no presente? Que

experiência e elaboração depressiva se viveu no passado, e que movimentos reparadores se actualizam no presente? A aplicação conjunta evidencia também uma *situação nova*, onde o clínico, a mãe e a criança se encontram num espaço de vivência subjectiva e individual partilhada, procurando simultaneamente um continente relacional reparador.

Assim, ao longo da revisão de literatura, propomos a reflexão do conceito de reparação, num referencial teórico kleiniano e pós kleiniano, à qual aliamos uma dimensão de reflexão pessoal no seu desenvolvimento. Num primeiro capítulo centramo-nos na ambivalência amor - ódio, desenvolvimento da posição depressiva e a emergência dos processos de reparação, conceitos introduzidos por Melanie Klein.

No capítulo seguinte, procuramos reflectir a importância da formação simbólica no processo de reparação, introduzidos por Segal e desenvolvidos posteriormente por Houzel; e as possibilidades dos processos criativos e artísticos enquanto um caminho reparador.

No terceiro capítulo, centramo-nos sobretudo nas concepções de Bion, sobre o desenvolvimento do pensamento, relação continente - conteúdo e respectivos vínculos e transformações em «O», bem como na introdução de Grotstein, sobre a “*posição transcendente*”.

No capítulo seguinte procederemos à apresentação do objectivo de estudo, tendo em vista a articulação do referencial teórico com a parte empírica.

No capítulo referente à metodologia, iremos descrever um modelo de estudo qualitativo, assente no estudo de caso, destacando as características e possibilidades do Rorschach, como instrumento metodológico projectivo para a exploração do nosso objectivo. Segue-se o capítulo relativo aos procedimentos de análise criados, que possibilitarão a leitura e análise, dos processos psíquicos de reparação que operam na dinâmica de aplicação conjunta entre mãe e filho.

Depois da apresentação dos sujeitos seguir-se-á a análise dos da narrativa conjunta, cartão a cartão, à luz dos procedimentos de análise elaborados, bem como a análise do (s) psicograma (s) No penúltimo capítulo desenvolveremos a discussão dos resultados obtidos, em ligação com a revisão de literatura efectuada, culminando num último capítulo, que visa concluir o nosso trabalho, o percurso efectuada, salientando as suas contribuições no âmbito da Psicologia Clínica.

1. A REPARAÇÃO

1.1. Sobre a reparação: da destruição à (re)construção

Começaremos pelo início. No princípio de tudo, *onde* habita apenas o (des) conhecido.

Nos primórdios da vida psíquica, num espaço primitivo, semelhante à metáfora e fantasia da criação do mundo, num cenário de luz e escuridão, o dia nasce no vazio e existe apenas o *nada*. No silêncio da inexistência dos seres, o vento sopra alto e leva consigo pedaços de terra, dançando e rodopiando rumo ao céu. O mar agita-se e enfurece-se com a sua solidão, as ondas estão ávidas de alimento, e devoram impiedosamente a areia. Ao céu, arrancaram-lhe as estrelas e o sol treme debaixo da terra, pois não conhece ainda a beleza e agressividade da sua luz. Fragmentos de vida e existência encontram-se num plano desconhecido, dançam cada um a seu ritmo, em busca de passos comuns. E o mundo que ainda não é mundo, espera por ser habitado, espera por um pai e (novos) filhos.

A descrição desta metáfora, “brincando” sobre a criação do mundo, poderá integrar a experiência primitiva do bebé que nasce e toca este novo mundo, inundado de cores, formas, cheiros, sons, rostos, fragmentos desligados, nunca antes experienciados. Nascer: *vir ao mundo, sair do ovo, surgir do horizonte, originar-se, constituir-se, provir* significados atribuídos ao verbo (Figueiredo 1991). Esta irradia a vivência do nascimento, a experiência mais antiga da nossa vida, a qual não encontra palavras para se dizer, ficando as suas memórias gravadas num corpo ainda frágil e desconhecido.

Assim, no início da vida, num estado mental mais arcaico, a vivência do bebé, organiza-se na *posição esquizoparanoide*, numa experiência de fragmentação de um ego arcaico, sentimento de desintegração interna, a ansiedade intensa e a necessidade do seu esvaziamento (Hinshelwood 1992). Esta poderia assemelhar-se ao cenário dos primórdios do mundo: fragmentos de natureza desintegrados, lutam desesperadamente pela sua coesão e integração, experimentando ansiedades arcaicas, medo de aniquilação (morte), de ser destruído e despedaçado desde dentro, relacionando-se com um objecto clivado, dividido, idealmente bom quando gratifica e mau quando frustra (*op*). Assim, no processo de desenvolvimento da criança, Houzel (1991) descreve a importância do investimento dum objecto de amor exterior, que é introjectado no ego enquanto objecto total, conduzindo a um identificação no qual ego reencontra a sua completude e coerência.

Esta corresponde a um novo estado de relacionamento com um *objecto total*, adquirido com a elaboração da *posição depressiva* (Klein 1935). O bebé relaciona-se não apenas com o seio, as mãos, face, olhos enquanto objectos fragmentados, mas como uma mãe unificada, inteira, boa e má, presente e ausente, que pode ser simultaneamente amada e odiada, sendo que o seio que alimenta, é também o que frustra e faz esperar (Segal 1964 /Hinshelwood 1992). Na posição esquizoparanóide, as relações de amor, tal como as de ódio, são mantidas separadas umas das outras; na posição depressiva as relações amorosas e as odiosas são unificadas (Greenberg & Mitchell 2003). Assim, a confluência de ódio e amor na direcção do objecto, que se manifesta o maior conflito de toda a vida psíquica pela intolerância do ódio pelas pessoas que amamos (Klein 1935), dá origem a uma tristeza particularmente pungente, a “ansiedade depressiva, aliada à culpa pela agressividade contra o objecto amado, a possibilidade da sua danificação, gerando um sentimento de perda e vivência depressiva (*op*). Pela danificação do objecto amado, surge a necessidade de reparar; *preparar de novo, renovar, consertar, emendar, melhorar e restabelecer* (Figueiredo 1991).

Laplanche e Pontalis (1990) definem: “*a reparação é um mecanismo descrito por Melanie Klein pelo qual o indivíduo procura reparar os efeitos produzidos no seu objecto de amor pelos seus fantasmas destruidores, estando este mecanismo ligado à angústia e à culpabilidade depressivas, pelo que a reparação fantasmática do objecto materno, externo e interno, permitiria superar a posição depressiva, garantindo ao ego uma identificação estável com o objecto benéfico.*”

A partir da importância de introjecção de um objecto íntegro e total, Houzel (1991) desenvolve o conceito kleiniano de *reparação*, manifestando que este é um processo pelo qual a pulsão de vida, ligada ao processo de *identificação introjectiva*, restaura os objectos internos atacados e danificados pelos efeitos da pulsão de morte, consistindo este num *trabalho psíquico de reunião e restauração da completude, restituindo ao ego também a sua integridade* (Houzel 1991). Acrescenta que a identificação introjectiva é compreendida como um processo de estabilização do mundo psíquico, graças à formação de símbolos, desenvolvendo-se em dois tempos, nomeadamente: a introjecção de um objecto total; e posteriormente a identificação a esse mesmo objecto interiorizado (*op*). Este aspecto introduz-nos a possibilidade de identificação às partes danificadas de um objecto introjectado, originando movimentos reparadores, que pressupõem também uma reparação narcísica, materializados pela *formação simbólica* (Segal 1952, Houzel 1991).

Assim, a reparação não existe sem a destruição, o sol sem as trevas, o preto sem o branco, a vida sem a morte, sendo por isso necessário pensar o desenvolvimento dos processos de reparação, aliados à dor, à ansiedade e frustração, vivências dolorosas, que necessitam ser experimentadas e toleradas, manifestando-se impulsionadoras do crescimento psíquico. Klein (1935) manifesta a importância da vivência da ansiedade depressiva e da culpa inerente à destruição do objecto, como propulsores de movimentos reparadores; “*a possibilidade de restaurar o desastre, permanece sendo uma esperança*” (Hinshelwood 1992). Deste modo, é necessário perder, efectuar um trabalho de *luto* interno e abdicar de um objecto idealizado, para (re) construir internamente um objecto perdido, agora mais vivo, real e reconstituído, sendo que, um aspecto importante na reparação, *é deixar que o objecto se vá* (Segal 1991). *Se existir uma boa elaboração da posição depressiva, as angústias perdem a sua força, os objectos tornam-se menos idealizados e menos aterrorizadores e o Eu tende a unificar-se.* (Dias 2003).

Em 1940, “*Mourning and its relation to manic-depressive states*”, Klein demonstrou existirem diferentes formas de reparação, que se constituem de acordo com o grau de (in)tolerância à ansiedade depressiva, nomeadamente: a *reparação maníaca*, a *reparação obsessiva* e por fim uma outra forma de reparação baseada no respeito pelo objecto que resulta em realizações verdadeiramente criativas (Hinshelwood 1991). Na reparação maníaca, a culpa e o sentimento de perda não são verdadeiramente sentidos, a dependência e necessidade do objecto são negadas manifestando-se o desejo de triunfo e controlo onipotente sobre este, que permite atenuar ou anular o sofrimento depressivo, graças à desvalorização dos *objectos feridos* (Houzel, 1991, Segal 1964, 1986). A tarefa de reparação é transformada em movimentos mágicos, rápidos e onipotentes, na medida em que, *se o sofrimento não for tolerado, emerge a via da defesa pela negação maníaca que «anestesia» a dor* (Flemming 2003). Porém, a *reparação obsessiva* consiste numa repetição compulsiva, de acções de tipo anulatório, sem um elemento criativo real. E por fim, *a verdadeira reparação, em contraste com a reparação maníaca, deve incluir um reconhecimento da agressividade e dos seus efeitos* (Segal 1991). É no acto de brincar, que a criança ou o adulto que brinca ou joga, experimenta de forma simbólica grande parte do sofrimento básico da situação humana e explorando novas situações para este, constituindo um processo criativo, pela busca de novos objectos para os quais os impulsos possam ser dirigidos, diminuindo assim as tensões e os conflitos internos. (Hinshelwood 1992). É desta forma que, Klein salienta como o amor e o ódio constituem as forças motivacionais básicas da experiência humana, sendo a existência do ego creditada, em primeiro lugar à pulsão de vida. Nesta dialéctica, à medida que o ego se

identifica mais com o amor e a reparação, o Id torna-se a encarnação do ódio. (Greenberg & Mitchell 2003).

Por fim, a caminhada progressiva da reparação, dirige-se sempre a objectos específicos, com diferentes formas e rostos, operando as suas qualidades psíquicas de forma consistente neste trabalho. Assim, num primeiro trilhar deste percurso, de danificação e reconstrução, o amor e a segurança maternos, desempenham um papel fundamental neste processo (Segal 1952). A (in) condicionalidade do amor materno que constrói e edifica a alma, a sua permanência, e o olhar vivo e atento sobre a frágil respiração do bebé, ajudam este ser, que acaba de experimentar o mundo, a acreditar no seu próprio amor e impulsos reparadores. A permanência tranquiliza-o sobre a força e resistência de seus objectos e para além disso, diminui a sua crença na onipotência da sua agressividade e aumenta a sua confiança no amor e poderes reparadores (Klein 1935, Segal 1979). Grotstein (2003), desenvolve este aspecto, através da noção de *posição depressiva mútua*, pela qual, a elaboração do bebé da posição depressiva, requer uma mãe que esteja seguramente colocada nela.

Isto, impulsiona-nos num mergulho mais fundo sobre as (im)possibilidades de reparação que cruzam o nosso caminho, colocando-nos as seguintes questões: e quando surgem objectos irreparáveis, que não se deixam reparar? Que objectos se destroem com os nossos impulsos agressivos, que morrem sem morrer, e permanecem imóveis, petrificados e sem vida dentro de nós. Contudo, nem tudo o que foi destruído pode ser reparado (Segal 1964). Esta autora refere que a posição depressiva nunca é verdadeiramente ultrapassada, experiências internas de ambivalência e culpa habitam sempre dentro de nós e situações de perda (re)activam experiências depressivas do passado.

Tantas vezes, a vida desenvolve-se em torno de desejos profundos de reparação de um passado “danificado”: vidas entregues aos outros, missões humanitárias, sacrifícios e promessas que se *precisam de cumprir*. Desejos compulsivos de coleccionar e consertar objectos estragados; a recuperação de um corpo jovem, perdido, que procura reparação narcísica, completude e preenchimento, através de repetidas operações estéticas, que procuram a dominação do envelhecimento.

Em suma, a inevitabilidade da perda e a necessidade de elaboração do luto, permanece sendo uma certeza da vida humana. Pelo nascimento vivemos a primeira perda; dum mundo quente e protegido no interior da nossa mãe, e a vida continua sendo uma peregrinação nos caminhos da dor, mas também do amor, da perda, mas também na busca de (novos) encontros.

1.2. Da formação simbólica à criação artística

A formação de símbolos é fonte de sobrevivência na nossa vida psíquica. Alimentamos a mente de símbolos caminhando no sentido da sua riqueza, expansão e (re) criação diária. Seria possível imaginar a vida num mundo vazio, desabitado, onde apenas existimos num terreno árido e seco, onde o sol não brilha no céu, e a noite não é acompanhada pela luz da lua nem das estrelas...Será possível imaginar a vida sem símbolos que liguem os nossos dois mundos: externo e interno?

A formação de símbolos implica um trabalho de criação, relação e ligação do externo com o interno, conferindo vida e significado a (novos) objectos. “ O processo de formação de símbolos, é um processo contínuo de união e integração do interno com o externo, do sujeito com o objecto, das experiências anteriores com as posteriores (H. Segal, 1955 p. 178) Este desenvolve-se durante a vida; na criança que agarra firmemente o seu ursinho de peluche que a acompanha dia e noite, na mãe que escreve e utiliza as palavras, para comunicar o seu mundo interno e todos aqueles que habitam dentro de si e na avó, que à semelhança da infância, carrega habitualmente consigo um terço e medalhas religiosas, representando os seus objectos internos santificados e também reparados. Desta forma, a palavra “símbolo vem do termo grego *“reunir, unir e reintegrar”* falando da união e reintegração de partes dispersas, desligadas, que se ligam entre si, no lugar dos símbolos.

Assim, Segal (1955) desenvolveu as ideias de Klein (1935) ao mostrar que o verdadeiro simbolismo está ligado de modo crucial à *posição depressiva*, possibilitando a capacidade de simbolizar e reparar simbolicamente o objecto. Em *“Notas sobre a formação de símbolos”* (1955), é aprofundada a forma como o símbolo se forma e como este pode reflectir o estado de desenvolvimento do ego e a qualidade das suas relações objectais: *“se a simbolização não ocorre, todo o desenvolvimento do ego é interrompido.”*

Assim, o processo de formação de símbolos inicia-se com os primeiros mecanismos de projecção e identificação projectiva, característicos da posição Esquizo-Paranóide. Esta autora refere que o próprio modo como os símbolos são formados, reflecte o estado de desenvolvimento do ego e a relação com os seus objectos. As primeiras “simbolizações”, não são sentidas como substitutas dos objectos do mundo interno ou externo, mas sim pelos próprios objectos originais, propondo Segal a denominação de “equações simbólicas”. Esta é característica de uma não – diferenciação entre o símbolo e a coisa simbolizada, correspondendo a um não – reconhecimento dos limites diferenciadores entre o ego e o objecto: *“uma vez que uma parte do ego é confundida com o objecto, o símbolo – que é uma*

função e criação do ego – torna-se, por sua vez, confundido com o objecto simbolizado” (Segal 1955, p.172).

À medida que a criança cresce, através de repetidas experiências de perda e reencontro, de presença e ausência, diferencia-se gradualmente do seu primeiro objecto de amor e percebe-se como um ser individualizado no mundo. Neste sentido, com o desenvolvimento do ego e as mudanças nas relações objectais, também o processo de simbolização evolui, sendo apenas com a Posição Depressiva que existe a possibilidade de elaboração de verdadeiros símbolos. Esta caracteriza-se pela integração de um objecto total, originando ambivalência, culpa e o medo da perda, brotando assim, novos movimentos de recriação objectal. “Os processos de introjecção tornam-se mais pronunciados do que os de projecção, pelo esforço de reter o objecto dentro de si, assim como de reparar, restaurar e recriar este objecto” (Segal 1955). Esta autora salienta a importância da posição depressiva e da tolerância ao sofrimento e à perda, para a reconstituição simbólica de um objecto, do qual o sujeito se pode separar e diferenciar. Acrescenta ainda que: “ *a capacidade de vivenciar a perda e o desejo de re - criar o objecto dentro de si dá ao indivíduo uma liberdade inconsciente no uso dos símbolos.*” (p.174). Este torna-se representante do objecto, “ *o símbolo é necessário para deslocar a agressividade do objecto original e, desta forma diminuir a culpa e o medo da perda*” (p.173).

Em “*Identification introjective, reparation, formation de symbole*”, Houzel (1991) introduz a noção de *reparação simbólica*, uma forma de reparação, aliada à formação simbólica, a partir das concepções de Klein e Segal, que visa restituir a completude dos objectos, “ a partir do laço entre a «verdadeira reparação» (Houzel 1991) e a formação do símbolo, pode-se ver como é reconstituída a completude dos objectos e como ocorre o processo geral de integração, isto é, podemos ver qual a relação entre a resposta e a verdade do sujeito (Marques 1994). Este autor, sublinha o facto da formação simbólica, surgir como a antítese do caos, integrando processos de estabilização de movimentos pulsionais e experiências emocionais. Neste sentido, o caos e a turbulência interna, são reunidos e reintegrados através da formação do símbolo, manifestando-se este um processo estabilizador e reparador (*op*).

É importante referir que se as ansiedades depressivas forem demasiado intensas, o indivíduo recorre a defesas mais arcaicas, características da posição esquizo-paranóide, os símbolos podem reverter em equações simbólicas (Segal 1952). Neste sentido, na

identificação projectiva maciça, o ego confunde-se novamente com o objecto, o símbolo com a coisa simbolizada transformando-se numa equação (*op*).

Em suma, enquanto a equação simbólica é utilizada para *negar a ausência* e a separação, o símbolo serve para *ultrapassar e superar a perda*. (Segal 1957) Este surge quando os sentimentos depressivos gritam mais alto que os esquizo - paranóides, quando a separação do objecto, a ambivalência, a culpa e a perda podem ser vivenciadas e toleradas. A formação de símbolos, é um processo que dá vida à vida, desenvolve-se num processo de ligação com o mundo, elemento que confere sentido à nossa existência. Pelo símbolo comunicamos, existimos, relacionamo-nos numa dualidade do plano externo com o interno. Nas palavras de Segal (1991): “*o símbolo não é uma cópia do objecto – é algo criado de outra forma.*”

A formação de símbolos, é a essência da criatividade e apresenta-se como um possível caminho de reparação. Em 1952, em “*A Psychoanalytic Approach to Aesthetics*”, Segal relaciona o impulso do artista, à posição depressiva, cuja necessidade é recriar o que sente nas profundezas do seu mundo interno. Acrescentando *que é único na criatividade artística, é que todo o acto reparador, está na criação do símbolo* (1991). “

O artista cria um “novo” mundo, reparando no plano externo os seus objectos internos e o velho mundo que se encontrava despedaçado. A obra de arte é uma externalização na realidade física que se torna uma expressão simbólica do estado do mundo interno e do trabalho que nele foi colocado (Hinshelwood 1992). “ Só se pode criar, aquilo a que se renunciou”, clama Proust cit. por Segal 1991, sublinhando a importância da tolerância à perda e ao sofrimento, movimentos essenciais no processo criativo e reparador. O acto criativo e reparador pressupõe um contacto e trabalho de ligação com o mundo interno, deixando ferver a dor e vivências depressivas, transformadas e recriadas também no plano externo. É preciso tolerar perder um mundo primitivo, para (re) criar um novo mundo, que deseja intensamente ligar-se ao mundo perdido. Pela criação, o artista oferece a sua obra ao mundo, e deseja ligar-se para sempre a este, representando simbolicamente o mundo “antigo”, ao qual se encontrou um dia ligado sem limites. Pela criação, procuramos a ligação e o triunfo sobre os contrastes e a ambivalência: o feio pelo belo, o ausente pelo presente, o velho pelo novo, a morte pela vida....Pela criação, desejamos imortalizar-nos, (Segal 1986, 1991, Grinberg 1991) existir para sempre dentro daqueles que amamos, garantindo que pela obra, jamais somos esquecidos.

Chasseguet- Smirgel (1967/19719 afirma: «as grandes realizações humanas no domínio da criação estética e das descobertas científicas parecem determinadas pela

necessidade de superar o penoso, o difícil, o feio, o mau, o desarmonioso, o defeituoso e de colmatar as faltas, cicatrizar as feridas, fechar as brechas, suturar falhas, processos que remetem, falando de um ponto de vista psicanalítico, para a procura de completude através do domínio dos maus objectos...» (cit. por Carreiras 2005). A experiência criativa gera uma comunhão e comunicação entre dois inconscientes: o do criador, e do público. O artista, pela criação dum objecto externo, comunica uma vivência profunda e íntima com os seus objectos internos, pois toda a obra e criação, contém simultaneamente um desejo de contágio de beleza estética e reparação de outros. A reparação inerente à criação, procura também no seu íntimo, a *reparação narcísica*, pelo desejo de completude dum amor passado que não foi suficiente e não edificou a alma. Chasseguet (1984), afirma que a criação é uma autocriação e o acto criador, encontra um impulso profundo no desejo de aliviar, *pelos seus próprios meios*, as falhas deixadas ou provocadas por outros. Pelo olhar daqueles que observam a obra, o artista procura o (re) encontro com o olhar materno apaixonado.

O símbolo conta a sua história: fala da perda, da ausência e de uma (nova) presença. Ao criar símbolos, a criança reconhece a sua individualidade no mundo, abandona o contacto fusional com o objecto. O símbolo faz face à inevitabilidade da separação original e apresenta-se como um fiel companheiro da nossa solidão. E se cruzarmos o olhar de fora, com o olhar de dentro, iluminando os símbolos que (nos) habitam, e habitam o nosso mundo? Penso na infância, e na criança que bate a sua boneca, e de seguida se reconcilia, lhe dá um beijinho, e a coloca carinhosamente ao seu colo, para a alimentar. Penso no jovem que luta na intimidade do seu quarto, com um saco de boxe, onde invisivelmente estão gravadas “mil” fotografias e retratos do seu mundo interno. Penso no sacrifício e caminho que milhares de pessoas percorrem ajoelhadas, no santuário de Fátima, murmurando entre lágrimas, as suas orações. Nos caminhos do desejo de saber, é preciso ousar, e não ter medo de olhar e pensar o mundo: o de dentro e de fora.

O processo de formação simbólica gera capacidade comunicativa, na medida em que toda a comunicação é feita por símbolos. Num passado primordial, onde mãe e bebé se olham olhos nos olhos, tocam, abraçam, brincam, riem e choram, o corpo é o palco de toda a comunicação. Gradualmente, na mente do bebé, a ausência e o não - corpo, dão lugar ao preenchimento e à substituição, pela criação interna do símbolo, representando o objecto materno perdido. A linguagem corporal, dá espaço à palavra, para que esta se possa manifestar, num primeiro momento pela voz da mãe, à qual o bebé confere o seu sentir e

significado. Os símbolos dirigem-se para a comunicação com um *outro*, mas também são actores principais na comunicação interior. Ajudam-nos a entrar em contacto com o nosso mundo interno, a ligar e reunir “partes desligadas”, a sonhar e transformar histórias e vivências, num caminho de abertura e maior liberdade interna. *Nascemos de um sonho, vivemos no sonho, morremos quando o sonho acaba. A cura analítica não é mais que a abertura ao sonho; acaba quando o paciente sabe sonhar* ” refere Coimbra de Matos, em relação ao processo analítico.

A maior miséria e ruína interna do ser humano, dirige-se para a sua impossibilidade de sonhar, de criar símbolos e significados para a vida, como um pássaro sem asas que não pode voar. O “não -sonho” prende e amarra-nos à não existência, não - criação, e não crescimento. Um homem que não sonha, que não se pode entregar à infinita tarefa da criação simbólica, é como uma tela vazia, um filme sem imagem, um objecto sem forma.

A riqueza da convivência humana e sobretudo da nossa prática clínica, consiste no desvendar e compreensão de (novos) significados, contidos nos símbolos que a cada momento vamos (re) criando. Viver, tolerar, sofrer e criar; são palavras que marcam o filme da nossa vida, que se cruzam com os filmes de outros, formando uma história colectiva da humanidade projectada pela tela do mundo. Assim, os símbolos criados internamente podem ser re - projectados no mundo externo dotando-o de significado simbólico.

Continuando a nossa reflexão pessoal num desejo de profundidade e conhecimento, revisitando o “início”, não posso deixar de falar de ti, pois habitas e espreitas as entre – linhas deste trabalho.

“Já me disseste muitas vezes que não tens medo da morte, e que quando morreres, não queres que choremos por ti...porque se te foste embora, foi porque a tua hora chegou e Deus assim o quis, e certamente estarás bem, lá do outro lado. - Era o que me respondias. No entanto, as situações de morte, povoaram desde cedo, toda a tua vida. É engraçado, que apesar de te ter encontrado, sempre de preto, vejo-te abraçada e mergulhada em lençóis brancos e toalhas compridas que passas o dia a bordar. No fundo de ti, procuras superar a morte, através dos bordados que há tempos nos ofereces nos anos, dizendo que é para usarmos depois do casamento e para preenchermos a nossa *nova* casa. Com estes movimentos, garantes a tua imortalidade e que vives para sempre dentro de cada um de nós, através da tua obra, e das ofertas, onde gravas o teu rosto, e o trabalho das tuas mãos. “

O Rorschach desenvolve-se também num espaço transitivo entre dois mundos, num universo criativo, rumo a um *outro mundo*. A mancha, apresenta-se simbolicamente como uma tela vazia, pronta a ser preenchida pelas cores e formas que dão voz ao nosso grito interno. O espaço branco solicitado pelo cartão, evoca o espaço branco e vazio do nosso interior: “*il y a un espace vide en moi, que je ne peux jamais remplir!*” (Grunberger 1979, Chasseguet- Smirgel 1984, Segal 1991). Assim, o espaço intersubjectivo é preenchido pelas narrativas que elaboramos, dando lugar a processos de criação transformação e reparação.

Quando o pincel, a caneta deslizam sobre a superfície branca, quando a criança brinca com o seu avião de papel estendido em direcção ao céu, encontramos-nos num espaço de liberdade e infinitas possibilidades, onde operam processos psíquicos de reparação, onde é possível matar e destruir, e voltar a reparar e (re) construir. A criação e a reparação apresenta-se como uma tarefa que jamais se conclui e se vai gradualmente (re) actualizando: as narrativas e os símbolos solicitados pela mancha são infinitos, pois também a nossa dimensão interna é desconhecida e infinita. O trabalho de reparação do artista nunca é concluído, Picasso observou que um quadro nunca está terminado, sendo preciso dizer o resto na obra seguinte, carregando o produto final, traços de uma infinita incompletude (Grunberger 1979, Segal, 1991, Chasseguet, 1984). Assim, toda a narrativa que contamos sobre nós, é também incompleta deixando espaço para que outros a possam também (re) contar.

Em suma, a experiência projectiva partilhada em simultâneo por mãe e filho, consiste num trabalho de criação conjunta de símbolos expressos pelas narrativas que se ligam e cruzam entre si, gerando processos de comunicação entre dois inconscientes, que se fundem e comunicam no lugar da mancha. Este consiste também num processo de criação partilhado, onde dois “artistas”, criam uma obra em conjunto, onde a pincelada de um, acompanha o movimento do outro, onde a voz de um, faz ecoar a melodia do outro, onde a experiência de criação de narrativas, solicitada pela mancha, como todo o processo criativo e simbólico, faz emergir processos psíquicos de reparação de si e do outro.

1.3. Capacidade de pensar, crescimento e expansão mental

“Tentava ver-se através do corpo. Por isso passava horas à frente do espelho (...) Não era a vaidade que a atraía para o espelho, mas o espanto de lá descobrir o seu eu. Esquecia-se de que o que tinha diante dos olhos era o quadro de comando de mecanismos físicos. Parecia-lhe que o que se revelava sob os traços do rosto era a sua própria alma. (...) Contemplava-se longamente ao espelho e, por vezes, reconhecia, contrariada, os traços da mãe no seu próprio rosto (...) a alma voltava a subir à superfície do corpo como a tripulação a sair do ventre de um navio, a invadir a ponte, a levantar os braços para os céus e cantar. (Kundera 1983 p.51)

As linhas que escolhemos para iniciar este nosso capítulo irradiam e iluminam os pontos com os quais queremos prosseguir a nossa reflexão: a imagem primitiva do corpo, a ligação a um outro corpo/continente, a fome de verdade e significado, e a busca profunda e necessidade de um outro para (nos) pensar. Um outro, passado presente e futuro, um reflexo no espelho, uma melodia no ouvido, um cheiro (não) esquecido...

E se me pedissem para fechar os olhos, e “ver” através da escuridão, que não conheço ao certo a cor; se será branca ou negra, e aí nesse recanto sentir o colo materno, o que diria? Que imagens e sensações habitariam esse espaço entre a luz e as trevas, o presente e o passado? Agarras e prendes-me junto ao calor do teu corpo e sinto a pressa do teu coração. A minha atenção concentra-se no teu olhar, espelho da minha existência, um olhar sem - nome, muito primitivo, o primeiro que conheci e aquele que nunca se esquece. Um olhar com mil perguntas e respostas, profundamente triste e feliz, ansioso e tranquilo, molhado e seco, como uma onda de novas emoções que se dirige para o meu pequenino olhar. E se neste fechar de olhos, surgir uma imagem de rosto vazio e branco, como um retrato sem olhos, boca e nariz?

Com Klein, o objecto externo surge sem rosto, sem olhar, sem palavras e pensamentos, ficando as suas qualidades psíquicas esquecidas e pouco desenvolvidas (Houzel 1991). Este divide-se apenas enquanto objecto bom, que satisfaz a exigência pulsional do bebé e objecto mau quando frustra. Assim, o bebé desenvolve-se de forma solitária, nos seus movimentos de amor - ódio, destrutivos e reparadores, percorrendo a travessia pelo deserto, rumo a uma maior pacificação e integração interna e objectal.

No entanto, com Bion abre-se um novo caminho rumo ao interior do objecto externo, surgindo uma nova luz sobre as suas qualidades psíquicas, de atenção, capacidade de rêverie, e capacidade de pensar. Este autor, introduz a noção de *relação continente - conteúdo*, sublinhando a urgência de uma dimensão relacional, onde estes elementos não podem existir de forma separada. Procurando descrever esta relação sob a forma de uma imagem, esta poderia assemelhar -se às forças do pólo negativo do íman (conteúdo), que procuram ligar-se e atraem as forças do pólo positivo (continente). Posteriormente, as forças negativas fundem-se com as positivas numa base de crescimento e complementaridade: é necessário que exista um continente disponível para pensar os seus conteúdos e devolvê-los, constituindo-se deste modo no interior do bebé um objecto pensante -”*thinking breast*” (Zimerman 1995, Grinberg 1991). Mais tarde, esta relação foi substituída pelos símbolos – o arquétipo deste par, é o seio-materno-bebé, uma situação dinâmica onde há um ♀ em busca de um ♂ e uma interacção entre os dois “. (Symington 1999).

Toda a vida psíquica, precisa de uma outra vida psíquica para poder pensar e sonhar (Marques 1999). Deste modo, através de mecanismos de identificação projectiva, a criança coloca no interior da mãe, as suas experiências sensoriais e emocionais muito primitivas, em estado bruto, que não puderam ser pensadas nem elaboradas (*elementos β*), esperando que a mãe, através da sua função α , lhes dê sentido e significado, devolvendo-os sob a forma de elementos α (*op*). A devolução de elementos pensados, desintoxicados, digeridos pelo continente materno, desenvolve no bebé a sua própria capacidade de pensar e constituição da função α , pelo que a identificação com a função continente materna potencia a constituição de um continente interno, que ira aumentar a capacidade de conter experiências dolorosas (Zimerman 1995). *A mãe funciona como um continente das sensações do bebé, transformando a dor em prazer, a solidão em companhia, o medo em tranquilidade, permanecendo aberta e disponível às projecções e necessidades do bebé* (Grinberg 1991 p. 62). Esta capacidade de transformar emoções em pensamentos encontra-se na atitude mental materna denominada de capacidade de rêverie designando uma condição pela qual a mãe está num estado de “sonho”, captando o que se passa com o bebé, pela sua intuição e sensibilidade. “*A rêverie é uma componente da função alpha da mãe*“, capaz de conter as identificações projectivas da criança. (Zimerman 1995, p.163).

Fortes cargas emocionais, que não encontrem um continente seguro, adequado e contentor, serão reintrojectadas pela criança sob a forma de um “*terror sem nome*” que leva a uma evitação da dor depressiva, factor inibidor do crescimento psíquico (*op*. p. 95). O

fracasso materno, consiste na incapacidade de tolerar as projecções do bebé, podendo responder com hostilidade, despedaçando-se, ou bloqueando as projecções (Segal 1991). À semelhança dos “navegantes”, que exploram a dimensão dos mares, em busca de um (novo) continente, o bebé é também Descobridor de um continente; que alimenta e tranquiliza, onde se torna seguro permanecer, ou pelo contrário, um continente assustador que gera turbulência, de onde se quer fugir. A dor, o sofrimento, a frustração, a tolerância à ausência e a realização negativa, são conceitos os quais Bion destaca, na emergência e desenvolvimento do pensamento e processos operantes na formação dum *aparelho de pensar*. Assim, descreve a noção de *realização negativa*, pelo “*encontro de uma pré - concepção, expectativa inata do seio, com uma frustração ou não – realização*” (Grinberg 1991). Deste modo, o espaço mental gerado pela ausência do seio real, fez emergir a representação do *não – seio*, portanto o um pensamento. O aparelho para pensar os pensamentos e a função simbólica, desenvolvem-se para preencher o vazio e a frustração deixados pela não satisfação do desejo e pela ausência do objecto (Dias 1999). *Quando uma pré-concepção, não se encontra com o seio – real (situação que Bion denomina realização negativa), equivale à combinação da pré – concepção, com uma frustração, dando lugar ao aparecimento do pensamento propriamente dito* (op. p. 61). Deste modo, refere que, a capacidade de formar pensamentos dependerá da capacidade do bebé para tolerar a frustração e da capacidade de rêverie materna, de pensar, dar sentido e transformar as angústias do bebé; *o pensamento é doloroso desde a sua origem mais primitiva, sendo que o primeiro pensamento útil surge, quando se aceita a dor da frustração, em vez de simplesmente evacuar a presença interna do não – seio* (Zimerman 1995).

Bion, procurou ir mais além do conceito kleiniano de reparação, manifestando que, a passagem evolutiva e unidireccional da posição esquizo-paranóide, para a posição depressiva, tipo causa- efeito (do ódio, culpa à reparação), é insuficiente para explicar a dimensão e funcionamento humano ao longo da vida. Introduce portanto, a alternância, flutuação e oscilação dinâmica entre estas duas posições no desenvolvimento do pensamento, manifestando que “*o processo de pensar consistia numa passagem de um estado, onde imagens e ideias estão dispersas e caóticas (PS), para um estado no qual a coerência se manifesta e surge uma nova compreensão (D)*” (Grinberg 1991). Bion acoplou dois termos: paciência e segurança; paciência, como condição da tolerância à dispersão (Ps) e segurança como garantia de encontro com (D) (Amaral Dias 2001).

Deste modo, o pensamento não pode ser concebido fora da relação continente-conteúdo, estabelecida por vínculos de Amor(L), o Odio (O), e o Conhecimento (K), e forças

contrárias, numa dialética de – L, - H, - K. (Grinberg 1991, Zimerman 1995, Symington 1999). Enunciamos os três tipos fundamentais de vínculo conceptualizados por Bion, subjacentes à relação continente - conteúdo: comensal, parasitário e simbiótico (Symington & Symington, 1997/1999). No que respeita ao *vínculo comensal* “continente e conteúdo convivem harmonicamente, embora não haja crescimento significativo em nenhum dos dois” (Zimerman, 1995). O *vínculo parasitário* surge quando o objecto produzido por ♀ e ♂ destrói ambos, sendo a incoerência um exemplo desta situação (Symington & Symington, 1997/1999). Relativamente ao *vínculo simbiótico* este designa “(...) um harmónico e produtivo convívio recíproco entre as partes” (Zimerman, 1995, p. 65), influenciando-se assim reciprocamente. Na perspectiva de Bion o vínculo simbiótico promove a capacidade de expressão, sendo mutuamente benéfico para ♂ e ♀; no sentido da existência deste tipo de vínculo na interacção continente - conteúdo. Deste modo, a transformação bem sucedida de uma emoção dolorosa intolerável numa emoção tolerável e pensável dependerá do tipo de relação ♀♂ e das qualidades transformadoras do ♀ (*op. cit.*).

Se para Klein, o símbolo é a recriação e substituição do familiar, já conhecido e perdido, para Bion, o símbolo é da ordem do desconhecimento, do negativo, do caminho a percorrer em busca da Verdade Última, O (Dias, 2003) “Não há possibilidade de criar um símbolo sem conceber a presença do ausente. Nesta perspectiva a simbolização é, de facto, um processo de conhecimento: o símbolo não serve para conhecer o que já é conhecido, mas para criar condições de cognoscibilidade (*op. cit.*, p.49). Bion supõe que a realidade última do objecto, é desconhecida e incognoscível; sendo o objecto do conhecimento a própria realidade psíquica. Assim, o processo de vir a conhecer envolve dor psíquica, frustração e solidão (Symington p. 48) Este tem origem em experiências primitivas de carácter emocional, em relação com a ausência do objecto, traduzindo o desejo do indivíduo que busca conhecer a verdade sobre si mesmo num caminho onde é preciso tolerar o negativo, a espera, a dor da dúvida, o não – saber e a escuridão do infinito do universo mental. Grinberg (1991), afirma que a dor não pode estar ausente da personalidade do indivíduo; o caminho terapêutico não constitui uma anestesia contra a dor, mas “ensina a sofrer” e aumenta a capacidade do paciente para tolerar o sofrimento e a dor. O analista, oferece-se com a sua função continente e função *alpha* para «digerir» mentalmente o não pensado do paciente e lho devolver de forma tolerável e desintoxicada do excesso de dor, recriando condições para o crescimento do paciente à procura de si próprio (Fleming 2003).

Neste contexto, Bion declarava frequentemente que a psique do homem necessita de verdade da mesma forma que o seu corpo necessita de alimento, tornando-se a procura por verdade emocional, a primeira força impulsiva de todo o ser humano (Grotstein 2003). Já no desenvolvimento primitivo, o bebé projecta verdade insuportável na mãe que a converte em pedaços de conhecimento (K), sentidos e pensados. (op, p.20). A noção de verdade desconhecida, é designada por Bion enquanto «O», *situação inicial inquietante, verdade absoluta, zero, infinito*, associada à pulsão epistemofílica, desejo de conhecimento e vínculo K, descrevendo o caminho de K → O como o que permite alcançar um conhecimento mais profundo e vivencial da realidade psíquica, tornar-se uno com a própria verdade, ser aquilo que verdadeiramente se é (Grinberg 1991). Assim, K surge como um catalizador, objecto transitivo, epistemológico e ontológico frente a «O» (...) (Grotstein 2003).

A relação entre a verdade e O, caminha por onde se caminha para O. A nosso ver a verdade nunca é da ordem da evidência procurada, ela resulta da relação continente- conteúdo (Dias 2001).

Deste modo, Grotstein (2003) mergulhado e envolvido nos trabalhos de Bion (1965/1970), sobre as transformações, que dependem do uso da *rêverie* e do trabalho de sonho alfa pela mãe, vínculos L, H e K e da relação dialéctica entre as posições esquizoparanóide e depressiva, introduz o *atingir transitório da «posição transcendente»* que descreve um novo estado de pacificação e serenidade, *mais além* das ansiedades da posição esquizoparanoide e depressiva: “*depois de atravessar os pesadelos da posição esquizoparanóide, e os buracos negros e catedrais de interiores pesarosos da posição depressiva, é capaz de se tornar reconciliado com a experiência pura de Ser e Acontecer (Grotstein 2003 p. 376)*”.

O processo de tornar-se «O» representa a realização, embora transitória, da “posição transcendente”, a capacidade individual de desenvolvimento em direcção a tolerar (sofrer) e portanto, ressoar com “O”, a realidade última de alguma coisa e tudo, (...) onde se sente alguma coisa além, que satura e anima o ser; envolve a experiência da dor de um belo que é difícil alcançar (op. 21). Estas noções, integram a *dimensão infinita* do espaço mental, movido por uma nunca acabada busca de verdades, mergulhada num prisma (des) conhecido, inquietante, numa lógica de aproximação a um *não – saber ainda*.

Caminhamos também em direcção a O, para um *não – saber ainda*.

A malha invisível que vai tecendo este trabalho de investigação alicerçada num quadro teórico específico, alia-se simultaneamente a uma lógica de *reflexão pessoal* que integra no seu núcleo mais fundo, a problemática da dor e tolerância ao sofrimento, vivências presentes

em todo o ser humano. Todos os fios da vida humana, e que unem os habitantes do mundo, convergem e encontram-se num único ponto: o sofrimento. Com ele nascemos e morremos, a ele o abraçamos e detestamos, e dele acabamos por fugir, durante grande parte da nossa vida.

Dias (2003) refere: *Do que eu falo é de uma dor. E ainda de como mobilizar o pensamento apesar dela, com ela e não contra ela. Mas se toda a dor é a dor de uma separação e a (in) tolerabilidade perante a distância, como aceder e fazer aceder o sujeito a esse pensamento (...). O que nos funda é também o que nos afasta. O gerador de símbolos é um metabolizador da distância. Essa «distância amarga» que separa o sujeito do Outro.*

«Porque não bastava apenas cortar-me num dedo, para aí ficar a conhecer o que era a dor?» - ouvi algures dizer. Por vezes desejamos nunca a ter conhecido, ou pedimos que se vá embora para sempre; mas seria possível imaginar a vida sem a presença psíquica, que nos acompanha desde o início dos tempos? O homem que vive sem conhecer a sua dor e sofrimento, vive desligado e longe da sua identidade pessoal e humana. Perguntamo-nos, como é que a mente tem ou não capacidade de tolerar a dor mental, esteja ela associada à separação primitiva, à frustração, à perda, ao medo do desconhecido, da insegurança, da incerteza? (Fleming 2003).

Assim, ao longo da nossa reflexão, que integra um quadro teórico específico, procurámos pensar alguns destes conceitos, os quais encontram posteriormente a sua expressão na situação projectiva. Desde Klein, Segal e Bion, cada um à sua maneira, de acordo com as suas palavras e experiências subjectivas, falam da importância da vivência e tolerância ao sofrimento, à perda e ausência, na constituição e crescimento da vida psíquica. Perguntamo-nos, que relação temos com a nosso sofrimento? Como (con)vivemos com ele? Na vida ensinam-nos muita coisa e não nos ensinam a sofrer e a tolerar o sofrimento. Como se relacionam as pessoas com as suas próprias dores, e como “cuidamos” delas?

Na verdade, a tua vida apresentada “no início”, ilumina cada capítulo deste trabalho e fala da forma como habitas com o teu sofrimento. O luto, que marca toda a tua aparência, grita as saudades que sentes das pessoas que amavas, e subitamente te deixaram. Das vezes em que falámos das dores e do mal que acontecia às pessoas, respondias-me que o sofrimento era também castigo pelos nossos pecados, e constituía um fardo que tínhamos que carregar pela vida. O teu fardo encontra-se bem presente, pelas dores que sentes nos pés e te atormentam há tanto tempo a vida. Para ti, o sofrimento é um peso, muito pesado, que te

habitua-te a carregar sozinha. Não falas dele a ninguém, apenas a Deus, nas tuas orações, e na companhia do trabalho, com o qual desenvolveste uma relação de enorme fidelidade.

“*Pode sempre explicar-se o drama de uma vida através da metáfora do peso. Costuma dizer-se que nos caiu um fardo em cima. Carregamos com esse fardo, suportamo-lo ou não o suportamos. Lutamos com ele, perdemos ou ganhamos. (...) o seu drama não era o do peso, mas o da leveza. O que se abatera sobre ela não era um fardo, mas a insustentável leveza do ser.*” (M. Kundera 1983 p. 141). Pergunto-me, se te tirassem esse peso, como viverias? Não será o peso deste sofrimento, que dá sentido à tua vida e aos movimentos reparadores que dia após dia vais tecendo? E se te pedissem para desenhares a tua dor, como a representarias? Ocuparia todo o espaço branco ou apenas parte *dele*? Pergunto-me também com quem falas, através de tantas orações, com as quais ocupas o teu silêncio de dentro. Quando olho para a tua vida por vezes perguntava-me como aguentaste tanta dor, e ainda assim mantiveste a tua força. Dizias-me que em pequena eras má na escola, que eras burra e não conseguias aprender; mas hoje, olho para ti e vejo essa verdadeira sabedoria, onde através dos símbolos que ias criando e aos quais te foste agarrando, elaboravas e transformavas em gestos simples, também as tuas dores e perdas.

Apesar da tua aparência cansada, de respiração ofegante, num caminhar de passos lentos e curtos, irradiarem um ciclo, e a tua finitude; esse teu modo especial de viver, revela simultaneamente uma dimensão infinita. Ilumina um espaço mental, lugar de novas recriações e transformações, como o fio de linha que cada dia vais cada dia tecendo, conferindo-lhe novas formas e infinitas possibilidades. Reparas e superas a dor, e descansas na *posição transcendente*, através do trabalho e das orações, que te permitem um estado de acalmia, pacificação e reintegração interna.

Em «O» e na *posição transcendente*, convergem os opostos da dimensão humana: a vida e a morte, o início e o fim, a infinitude e finitude, o feio e o belo, desenvolvidos e inspirados na vivência de Bion do «Om» *mantra do hinduísmo, conhecido como o som do Universo*, num estado *mais além*, de profunda comunhão e unidade. Talvez nos primórdios da vida, mãe e bebé se fundam também no Om, onde a *rêverie* materna permite comungar e ressoar com a verdade do bebé, a qual é devolvida pela linguagem verdadeira dos corpos, agora renovada e renascida. A melodia do Om, ecoa dentro da mãe e do bebé, e converge numa mesma vocalização quando ambos se ligam, fundem e comunicam.

Terminamos assim este último capítulo da revisão de literatura, que se iniciou com a emergência da capacidade de pensar, com o «Om», que terá marcado sem dúvida as concepções e o desenvolvimento da teoria bioniana.

Terminamos pois com *Siddhartha* de Herman Hesse (1998), príncipe indiano que percorre um caminho de dor, descoberta e sofrimento, culminando e tornando-se uno com *Om*. *“Lentamente floresceu e amadureceu em Siddhartha a compreensão, o conhecimento do que era a verdadeira sabedoria; não era senão uma prontidão da alma, uma capacidade, a arte oculta de ter, em todos os instantes da vida, o pensamento da unidade, de sentir essa unidade e de a conseguir respirar. (...)*

Enquanto falava, enquanto Vasudeva o escutava, Siddhartha sentiu a atenção de Vasudeva mais forte do que nunca até então, sentiu como a sua dor, a sua angústia, fluía em direcção a ele, sentiu como a sua secreta esperança fluía em direcção a ele e regressava. Mostrar a sua ferida a este ouvinte era o mesmo que banhá-la no rio, até ela arrefecer e ficar una com o rio (p 137)(...).

E tudo junto, todas as vozes, todos os objectivos, toda a nostalgia, todo o sofrimento, todo o prazer, tudo o que é bom ou mau, tudo junto era o mundo. Tudo junto era o fluxo dos acontecimentos, era a música da vida. E quando Siddhartha escutava com atenção este rio, esta canção a mil vozes, quanto escutava apenas o lamento ou sorriso, quando a sua alma não se prendia apenas a uma voz e entrava nela com o seu Eu, mas antes de tudo escutava a totalidade, quando acolhia a unidade, então a grande canção a mil vozes consistia apenas numa única palavra Om: a Perfeição. A sua ferida florescera, a sua dor irradiava, o seu Eu mergulhara na unidade.

2. OBJECTIVO DO ESTUDO

A partir dos conteúdos apresentados na revisão de literatura, propomos agora a reflexão de alguns conceitos teóricos, para a sua articulação com a parte empírica, clarificando assim o objectivo do nosso estudo.

Com base nas concepções teóricas de Klein, sobre a posição depressiva, tolerância à perda e formação simbólica, e os desenvolvimentos posteriores de Bion, destacamos a importância dos processos psíquicos de *reparação*, objecto primordial do nosso estudo, como processos inerentes a toda a vida. Salientamos a eterna condição conflitual e (des) harmoniosa da mente, através da confluência infinita de emoções de amor e ódio, que se ligam e comunicam no lugar dos símbolos, produto dum processo de transformação, reparação e (re) criação interna.

A partir dum referencial teórico específico, os nossos objectivos assentam no estudo dos *processos psíquicos de reparação simbólica* (Houzel 1991), a sua expressão no Rorschach, numa *dinâmica relacional de aplicação conjunta da prova projectiva a mãe e filho*. Este processo é definido como sendo o que permite indicar o laço, a ligação entre a *reparação* e a *formação do símbolo*, restaurando a completude dos objectos e favorecendo a integração feita de encontro e intimidade. Esta estabiliza a turbulência e o caos interno, estabelecendo-se uma comunicação e um encontro psíquico com esse objecto, de modo a ultrapassar essa vivência através da criação de uma zona de estabilidade que representa uma inflexão face ao caos, surgindo a formação do símbolo ligada à função α . (Houzel 1991, Marques 1999).

Centramo-nos sobretudo num verdadeiro encontro e diálogo num *espaço intersubjectivo de relação, simbolização, (re) criação, transformação e (re) construção*, dando lugar a infinitos processos de comunicação simbólica. Alicerçados na concepção de Marques (1999), de que a situação Rorschach reflecte um trabalho psíquico que visa restaurar a completude, a coerência e a integridade do objecto quer interno, quer externo, revelando-se um trabalho de busca, transformação e criação de significações de novos objectos, interessamo-nos sobretudo pensar o diálogo e comunicação simbólica entre mãe e filho, reflectindo de que forma o símbolo criado por um, ecoa e interfere na criação dum novo símbolo *à posteriori*, por outro. Esperamos assim encontrar nesta dialéctica simbólica, mecanismos mútuos de transformação e processos psíquicos de reparação da (in)completude e danificação numa lógica de *ligação, transformação, e (re) criação*.

Assim, com base nas concepções anteriormente apresentadas, o contacto com a mancha, mobiliza no sujeito, por meio da função α , processos de tolerância à frustração, à ausência, ao desconhecido (Marques 1999), essenciais para a constituição de símbolos materializados pelas palavras. Os símbolos criados por mãe e filho, a partir da mesma mancha, consistem num trabalho de ligação interno - externo, espelhando relações de objecto, marcadas numa dialéctica de amor - ódio (Klein 1935). Os processos de reparação simbólica surgem na relação projectiva, pela possibilidade de transformação do caos, turbulência e agressividade rumo à criação dum *novo* símbolo, que visa completar e restaurar o anterior, num processo de encontro, intimidade e crescimento mútuo.

Alicerçados num referencial bioniano e reflectindo mais profundamente o nosso objecto de estudo, e a emergência de processos psíquicos de reparação no Rorschach, interessa-nos pensar o diálogo intersubjectivo entre mãe e filho, num lógica de oscilação dinâmica continente - conteúdo, entre movimentos de destruição, desintegração e reunião e reintegração, variando entre ambas as posições PS \leftrightarrow D. Neste sentido, a interpretação da mancha induz o confronto com o desconhecido, gerando em ambos, um sentimento de caos, turbulência e frustração (PS), que impõe uma mudança catastrófica que leva a uma *transformação* em símbolo – D, (Marques 1999), esperando nós encontrar na dinâmica projectiva entre mãe e filho, uma oscilação e alternância dinâmica das suas respostas na relação continente conteúdo, e as posições esquizoparanóide (PS) e depressiva (D).

Pensamos que quando existe capacidade de tolerância à dor e à frustração, as narrativas evidenciam uma função α transformadora partilhada por mãe e filho, oscilando entre PS – D, expresso num vínculo simbiótico. As narrativas em PS, dispersas e desintegradas, encontram um continente em D, numa narrativa criada *à posteriori* pelo outro, manifestando uma dinâmica de completude simbólica, criada por mãe e filho. Também perante uma sequência de símbolos estáticos e pensamentos em D, surge necessidade de uma (nova) elaboração em PS, necessária para gerar o caos e turbulência “indutor” transformacional, de crescimento e possibilidades reparadoras. Quando a dor solicitada pelos conteúdos da mancha é demasiado dolorosa e intolerável, não é mobilizada uma função α transformadora, permanecendo as narrativas numa lógica de desintegração e destruição PS – PS (Fleming 2003). No nosso trabalho, esperamos encontrar uma cascata de respostas de mãe e filho em PS, própria dum vínculo parasitário (Symington 1999) , sempre que a dor de

um for tão dolorosa, simbiótica e contagiante, que não permita uma transformação, reintegração posterior num símbolo total, reparador.

Alicerçados também nas concepções de *transformações em «O»* de Bion (1965/1982) e (1970) e posteriormente a *posição transcendente* de Grotstein (1993), e um trabalho desenvolvido por Marques (1994), iremos pensar a situação projectiva conjunta como um (novo) espaço de encontro e transformação em «O», onde mãe e filho se encontram com a própria *verdade subjectiva (O)*, e uma *verdade relacional, intersubjectiva*. Neste sentido, através do processo de pensar, simbolizar, interpretar, criar uma significação na ausência, podemos ver qual a relação entre a resposta Rorschach e a verdade do sujeito (Marques 1999). Esta situação permite um contacto com uma verdade última, desconhecida e dolorosa, escondida por detrás dos símbolos criados sobre a mancha. O desejo de conhecer o desconhecido de saber mais acerca de si, mergulhar em verdade (O), traduz-se no movimento de significação, dar - nome e conhecer a mancha, realidade também desconhecida.

Tornar-se aquilo que profundamente se é, ser uno com a própria verdade (Grinberg 1991), pressupõe um contacto com a dor, a travessia pelo deserto, pelo caos e turbulência, vivenciando uma mudança catastrófica, caminho que mãe e filho percorrem em conjunto, lado a lado, que culmina num abraço mútuo da verdade do outro, e simbiose com a verdade *intersubjectiva*, pela «*criação de um verdadeiro ser a dois*» (Marques 1994). Aquilo que é o verdadeiro ser de duas pessoas («O» mãe e «O» filho), encontra-se na situação projectiva, adquirem pontos comuns e cria um novo ponto inicial («O»), que contém elementos dos dois parceiros transformados (op. 437).

Fruto deste encontro, Grotstein (1993) propõe o conceito de *posição transcendente*, descrevendo como a partir da turbulência ou da mudança catastrófica, se passa a um estado de retorno à harmonia, possível pelo trabalho alfa, pelo sonho e pela verbalização (Marques 1999). Assim, o encontro de mãe e filho com a própria verdade, e a verdade partilhada, desejo íntimo do ser humano, traduz-se num estado de paz, serenidade, acalmia e unidade, alcançando assim a dimensão intemporal e infinita da *posição transcendente*.

Por fim, temos também como objectivo transversal do nosso trabalho, alargar e expandir as possibilidades do instrumento Rorschach, pensando a modalidade de aplicação conjunta como um (novo) espaço de infinitas possibilidades, onde mãe e filho se encontram verdadeiramente, à semelhança dum primeiro encontro de relação primária e autêntica, que se revela e (re) actualiza na situação projectiva. Neste sentido procederemos à elaboração de (novos) procedimentos de análise com base nas características da técnica, de modo a apreender as dimensões da realidade psíquica em estudo.

3 – METODOLOGIA

3.1. O modelo de Estudo

Na elaboração de um projecto de investigação, as nossas *concepções de sujeito psicológico*, marcam a forma de olhar e questionar a realidade, no sentido em que, partimos daquilo que sabemos construindo um caminho, até aquilo que queremos saber. Os conhecimentos, ideias, e concepções *à priori*, marcam a delineação dum *futuro, como fazer no processo de construção do conhecimento*, sendo este *revelador duma identidade* específica do investigador. É nosso entender que a identidade de um Psicólogo Clínico se define pelo domínio de técnicas e métodos compatíveis entre si cujo objectivo é tentar atingir a verdade subjectiva do sujeito (Marques 1994). Assim, de um modo geral, podemos definir dois caminhos opostos de «fazer», nomeadamente os métodos quantitativos Vs. qualitativos.

A investigação qualitativa é um trabalho de proximidade e interactivo, “*de contacto íntimo quer com os afectos do outro, quer com os próprios*” (Marques 1994), dado que exige o contacto face a face com um indivíduo, a observação do comportamento em contexto natural, o que permite desenvolver uma ideia aprofundada de como as pessoas pensam, sentem interpretam, experimentam os acontecimentos em estudo; assumindo que a realidade nunca pode ser totalmente compreendida, pelo que a investigação permite uma aproximação a essa realidade (Ribeiro 2007). Os métodos qualitativos, assentam na *(inter)subjectividade* como objecto de pesquisa psicológica, numa dialéctica de *comunicação, autenticidade, compreensão, procura de significado(s) e interpretação*, assumindo que cada ser possui uma essência própria e sempre singular que se expressa e revela em função dos diversos contextos e relações (Marques 1999). Neste tipo de estudo, os instrumentos são concebidos, como facilitadores da revelação do sujeito psicológico e como *teorias materializadas*, servindo concepções claramente definidas e assentes num *corpo teórico coerente e convergente*, que deve incluir uma clarificação sobre a concepção de sujeito (*op.*)

É assim que, o *estudo de caso*, enquanto investigação qualitativa por nós utilizada, permite uma aproximação à *individualidade, à singularidade e à complexidade* do sujeito e deve fazer intervir uma atitude que obriga e impõe o conferir sentido, o dar outro sentido, o ir além da superfície para o que se impõe um processo determinado intersubjectivante (Marques 1999). Queremos inscrever a nossa conduta de investigação, numa atitude feita de escuta, compreensão e interpretação, o que lhe permite conferir, verdadeiramente, valor de conhecimento que porque nunca pré- estabelecido, se inscreve numa via de construção e transformação (Marques 1994).

3.2. O Método Rorschach

O material Rorschach é um elemento da realidade exterior, - constituído por dez cartões brancos, com manchas de tinta centralizadas, organizados de forma simétrica - uma percepção, com características e qualidades psíquicas, sendo um objecto que deve ser investido e identificado e posteriormente nomeado como *algo de outro* – de mancha, passa a imagem, de «coisa» a palavra, conceito e *símbolo* (Chabert 1998, Marques 1999).

As suas formas e objectivos de aplicação, são estabelecidas a partir do duplo apelo que neles se encontra implícito: apelo ao real e à percepção; apelo ao imaginário, à interpretação, à projecção. Este jogo é balanceado, pelas características precisas, do ponto de vista perceptivo: - dimensões estruturais e sensoriais, e por outro lado dimensões ligadas ao carácter aberto ou fechado, compacto ou bilateral das manchas – que abrem os sentidos a um apelo simbólico específico e plural, organizado à volta do feminino/masculino, materno/paterno (Marques 1998/Chabert 1998/2003)..No mais específico da constituição do Rorschach, está o jogo entre as representações e os afectos, através do qual se desvenda o que de mais profundo constitui a essência do sujeito, nas possibilidades que apresenta, ou não, de ligação a si e ao mundo real e relacional, - que permitem aceder às qualidades e à natureza do funcionamento mental, tal como foi, e continua a ser estabelecido nas perspectivas freudianas e pós freudianas (*op*). *O Édipo e a sexualidade infantil; a bissexualidade, os vínculos primários e as identificações; o par representação - afecto; a dinâmica intersistémica, o conflito e a angustia; a acção do pré- consciente; o processo primário e secundário, o princípio da realidade e do prazer, são todos estes elementos conceptuais que são a base que vai permitir a interpretação do Rorschach (op).*

Assente num quadro teórico psicanalítico específico, numa lógica de congruência teoria/ metodologia, que espelham uma referência fundamental e fundadora da técnica: a articulação entre percepção e projecção, real e imaginário através do que se deixa ver a vivência e os fantasmas que emergem, a partir da situação Rorschach dotada de atributos manifestos e latentes, simbólicos que impõem e revelam a ressonância e as capacidade de ligar o pessoal e subjectivo ao real e objectivo (*op*).

Segundo o modelo estabelecido pela Escola Francesa de Psicanálise, Rausch de Traubenberg (1978), caracteriza o Rorschach como um espaço de interacções *perceptivas e projectivas, e fantasmáticas*, numa constante interacção entre a realidade externa do objecto conhecido, e a realidade interna da vivência e problemática fantasmática, consignado pela

fórmula percebido – vivência - fantasma (Marques 1998/1999). Deste modo, considera *que dar um sentido à mancha, é mergulhar nas rêveries, nas visões, nos fantasmas, é referir-se a uma realidade objectiva, que é depressa singularizada e sempre subjectiva* (op. cit. p. 102).

Os trabalhos de Chabert (1983 e 1987), destacam os pressupostos psicopatológicos na compreensão do Rorschach, *”numa referência estrutural do funcionamento mental”*, como método privilegiado de acesso ao funcionamento psíquico, à luz do modelo psicanalítico, considerando a relação entre o conteúdo manifesto e o latente das manchas, as ligações entre a percepção, representação e os afectos, as oscilações entre o processo primário e secundário, a regressão, os conflitos e mecanismos de defesa (op.p. 180). Os seus trabalhos conceptualizam os referenciais psicanalíticos do Rorschach e utilizam o modelo de conceptualização e análise que se ordena em volta de dois eixos: *representação de si e do representação de Outro*, que dão conta da dinâmica de desenvolvimento libidinal, com referências à construção da identidade, processos identificatórios e à elaboração da representação das relações, elementos usados para aceder a um diagnóstico diferencial. *São os modos de apreensão, na sua articulação e interdependência com os determinantes e os conteúdos que possibilitam esta operação*, enquanto do outro lado estão *os conceitos imagem de si, representação de si e das relações que constituem os representantes também da técnica de possibilitam referenciar e compreender, segundo esta ampla matriz, um sujeito* (Marques 1998).

No nosso estudo, alicerçamo-nos sobretudo nos trabalhos desenvolvidos por Marques (1999), relativamente a uma nova compreensão do Rorschach, embebido em (novas) possibilidades, a partir de um referencial teórico kleiniano e pós – kleiniano, dotando este instrumento de propriedades *mais além* da psicopatologia e diagnóstico, rumo à procura de (novos) sentidos e significações, num processo infinito de *crescimento e expansão mental*. O confronto com as solicitações da mancha, envolve o sujeito numa situação inquietante, de *caos psíquico, e mudança catastrófica*, que mobiliza mecanismos de *tolerância à frustração*, inerentes a um *processo de transformação e formação simbólica*, e actividade de *ligação interno - externo*, que levam à criação de *«novos objectos e novas verdades»*. Propõe então quatro organizadores no processo – resposta Rorschach, nomeadamente: a *relação*, a *comunicação*, a *interpretação*, e a *simbolização*, sustentados por um trabalho contínuo de *ligação, transformação e criação*. A situação Rorschach convida a um encontro profundo e *relação verdadeira* entre duas *subjectividades*, que levam à criação de uma *nova intersubjectividade*. A noção de *comunicação*, opera através do estabelecimento de elos de *ligação, transformação, relação continente conteúdo*, irradiando e constituindo um processo

mediador da situação projectiva. Pela *interpretação*, se desenvolve o movimento do processo- resposta Rorschach, fundada no mecanismo de identificação projectiva (Marques 1999).

Por fim, o Rorschach impõe a *identificação simbólica* de um objecto – a mancha – que será nomeada de outra forma, por uma *imagem- conceito*, que é um *símbolo (op)*. Cada sujeito confrontado com a situação Rorschach deve então entregar-se a um trabalho psíquico que visa restaurar a completude, a coerência e a integridade do objecto quer interno, quer externo; ao fazê-lo revela-se um trabalho de busca, transformação e criação de significações, de «novos objectos». (p. 235). Segundo esta autora, o desconhecido, associado à falta, leva à substituição e a falta é simbolizável; é nesta acepção que o crescimento é considerado. Deste modo, a actividade de criação de símbolos e sentidos revela a capacidade de *tolerar a não coisa* que conduz ao pensamento, implica a passagem, a comunicação, a ligação e transformação entre o dentro e o fora (...) (op. p. 236). Pensamos assim, que os processos psíquicos de *reparação simbólica (Houzel 1991)*, restituindo a integridade e completude do objecto danificado, se expressam e revelam no e pelo Rorschach, através dum trabalho de transformação do caos e angústia, criando (novos) símbolos num movimento infinito, rumo ao crescimento e expansão mental.

As lógicas que sustentam este trabalho e nos quais encontra o seu nutriente, assentam nas fontes que geram, alimentam e criam a expressão e a revelação do que de mais íntimo e profundo rege a lógica de cada ser, nas relações consigo próprio, com os outros e com o mundo (Marques 1998).

4. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Nesta caminhada de pensamentos, reflexões e criações, os nossos olhos movimentam-se entre o plano externo e interno, o saber e não- saber, a turbulência e acalmia, encontrando no limiar do espaço intermédio entre estes dois pólos, um novo espaço (des) conhecido, sem – nome, que se manifesta como o motor da nossa busca.

No trilhar *deste percurso*, é preciso tolerar e aguentar, a dúvida, a ausência de verdades, o não-saber e o negativo, nadando lentamente em direcção ao “fundo do mar”, abraçando a realidade e esperando paciente e activamente pelo encontro com a verdade. Deste modo, recorrendo à teoria bioniana, como analogia do nosso *caminhar no trabalho*, este capítulo corresponde a um encontro com um *continente*, que possa conter os pensamentos até aqui formulados.

Assim, com base no exposto anteriormente, e pensando no nosso objectivo de estudo; os procedimentos que usamos para ler os processos psíquicos de *reparação simbólica* (Houzel 1991), incluem os elementos de cotação de resposta, nomeadamente; - os modos de apreensão, determinantes e conteúdos – o psicograma, relação entre as respostas espontâneas e o inquérito, diferentes elementos qualitativos e a atitude face à prova, as relações intra e inter- cartão (Oneto & Marques 2009), incidindo a nossa análise sobretudo em três níveis: i) o processo resposta Rorschach, ii) as interações resposta – resposta, de mãe e filho, iii) a dialéctica entre movimentos progredientes (PS - D) e regredientes (D –PS) , contidos nas suas narrativas (Pinheiro & Marques 2009). Neste sentido, salientamos que as respostas não serão analisadas de forma isolada, mas numa lógica de relação inter-subjectiva de mãe e filho, analisado a interferência e incidência dos símbolos criados por um, no outro.

Procuraremos observar, quando é que as suas narrativas se encontram numa lógica de convergência num mesmo símbolo, quando um procura completar e conferir sentido ao símbolo do outro, numa lógica de completude e reparação; ou porventura, quando é que estas diferem e assentam em movimentos divergentes e opostos.

Partindo inicialmente de uma análise cartão a cartão, interessa-nos neste sentido, o alargamento deste instrumento e dos respectivos eixos da análise, rumo à expansão e ao crescimento mental (Marques 1999) , tendo por base, os seguintes conceitos teóricos, que nos guiam, e que esperamos encontrar a nível empírico: *reparação, criação, formação do símbolo* (Klein, Segal, Houzel 1991), *relação dinâmica continente conteúdo, PS-D, função alpha transformadora, estabilização do caos e encontro com O, elaboração da posição transcendente* (Grotstein 2003).

Passaremos de seguida, à explicitação mais detalhada dos procedimentos de análise, bem como às características específicas dos factores a partir dos quais será feita a sua análise. Partiremos assim das conceptualizações teóricas sobre o Rorschach propostas pela escola francesa, nomeadamente por Chabert (1998/2000) e Rausch de Traubenberg (1970/2006), bem como as da escola portuguesa, defendidas por Marques (1999/2001).

4.1. Vínculo ♀♂ simbiótico, função α transformadora e oscilação dinâmica Ps- D

Partimos do pressuposto, que é a relação dinâmica PSD, que se apresenta então como local de germinação de novas imagens, revelações de si e do outro em criações possíveis, ou como um local de paralisação de qualquer movimento e então de crescimento, ou ainda numa oscilação permanente e por isso desestabilizadora (Pinheiro & Marques 2009). Esta relação dinâmica encontra-se presente em respostas onde se apresente uma ressonância interna face a esta situação (des)organizadora que é a situação Rorschach, conseguindo nesse movimento o sujeito externalizar a sua vivência. (op).

A presença de variados modos de apreensão, numa sequência preferencial G, D e Dd, dotados de boas características formais, anunciam um desejo partilhado de conhecimento do objecto, próprio de um vínculo K, num processo de profundidade, tolerância à frustração e não - saber, mobilizados por uma função α rica e transformadora (Salvador 2010). A presença de G elaborados, se associados a uma percepção correcta, dão conta de uma imagem interna bem integrada que possibilita a reestruturação positiva da realidade externa. Esta implica originalidade, criatividade e mobilização activa de mecanismos de simbolização e apreensão de novos significados, pela capacidade de aproximação da mancha e entrega (Gavanha & Marques 2005). Nesta dinâmica, mãe e filho entregam-se a uma tarefa de exploração e conhecimento da mancha, nas suas diferentes dimensões, rumo ao encontro com um (novo) objecto (des)conhecido e inquietante ($K \rightarrow O$) (op). Também, a partir de uma exploração mais detalhada e profunda em D e Dd, o retorno em G (movimento progrediente), possibilita o reencontro com um objecto total, transformado reintegrado, e possibilidade e elaboração da posição depressiva e representação do ausente através do símbolo (Segal 1952).

Salientamos o aparecimento respostas formais de má qualidade, em número reduzido, expressando a capacidade de investir, de falhar, de se perturbar, tolerar o não -saber e a dúvida (Chabert 1998) procurando *dar um nome* a este vivido, necessárias ao crescimento

mental. Neste sentido, na dinâmica projectiva mãe-filho, destacamos a importância da presença de respostas F-, seguidas dum encontro com um continente adequado, F+, representando este um símbolo coeso com limites definidos (Chabert 1998). Nestas respostas, os sujeitos recuam (D → PS) num movimento regrediente e regressam num movimento progrediente (PS → D), ao conseguirem um continente em que a sua vivência acede a uma representação (Pinheiro & Marques 2009)..

É necessário que surjam *grandes cinestésias*, com conteúdos humanos reais, de boa qualidade formal, evidenciando processos identificatórios e uma representação integrada de si e do outro, numa lógica de tolerância à frustração, ausência e separação na dimensão relacional (Chabert 1998). Relativamente às pequenas cinestésias, esperamos o aparecimento reduzido de elementos *kob*, movimento de descarga bruta, assente no dualismo das pulsões de vida/morte, sendo mais explorada a sua dimensão agressiva/destrutiva (*op*), evidenciando dificuldade de tolerância da angústia e turbulência interna. Quando estes elementos surgirem, salientamos a emergência seguida de um *símbolo estabilizador e reparador* da descarga e destruição, sob a forma de um continente evidenciado por uma resposta global, com determinantes formais de boa qualidade, com limites seguros e bem definidos, inscritos num envelope estável com possibilidades reparadoras, destacando um movimento progrediente de Ps -D.

Relativamente às respostas *kan*, o aparecimento destes elementos de forma excessiva, pode surgir pela dificuldade de tolerância à dor, surgindo como uma protecção e alívio do sofrimento, sendo a representação conflitual humana, substituída por uma cena animal (Salvador 2010). No entanto sentimos o seu surgimento fundamental, no processo de *reparação simbólica*, associado à actividade imaginária, ao *brincar*, à *criatividade*. Segundo Chabert (1998), para além do sofrimento e conflito solicitado pelos cartões, o sujeito envolve-se numa actividade relacional criadora, pela construção de um produto pessoal rico, de *ligação do mundo interno - externo*. Estas respostas, associadas a formas de boa qualidade, contém uma dimensão reparadora, pela passagem da turbulência e sofrimento (Ps), para um *novo símbolo (re) integrado, transformado e reparado (D)*, pela capacidade de elaboração da posição depressiva.

Em relação, aos *determinantes sensoriais*, a sua presença evidencia interesse e sensibilidade pela realidade e objecto externo, associada à expressão directa dos afectos (Chabert 1998). Estes deverão surgir sobretudo associados a boas formas (FC, FC', FE), dando conta da mobilização de emoções solicitadas pela mancha, que encontram e se ligam a um continente adequado, com limites definidos que contenha e *transforme* uma experiência

emocional intensa (Salvador & Marques 2010). Neste sentido, a salientar que o aparecimento de determinantes sensoriais em estado bruto, nomeadamente, C' e E, mobilizando temáticas dolorosas, movimentos depressivos, e carências precoces de dimensão regressiva, que esperam encontrar na resposta seguinte, um símbolo reparador e transformador desta experiência, nomeadamente; sob a forma de uma grande cinestesia humana que “injecte vida e movimento” ao que estava petrificado e isolado (C' seguido de K movimento progrediente) ou surgindo um determinante formal de boa qualidade em G, representando um continente/envelope perceptivo, com formas seguras, reparador da fragilidade (Nascimento & Marques 2009).

Quaisquer que sejam as modalidades de expressão, os esbatimentos de textura remetem para as necessidades fundamentais de que põem em evidência a existência nua, insatisfeita, carenciada ou, pelo contrário, o valor restaurador que permite a satisfação do desejo, o apagamento da inquietação, a acalmia da angústia (Chabert p. 184), salientando a procura de reparação simbólica, pelo retorno a um vivido precoce. O determinante Clob, associado a um elevado nível de angústia, expressa a possibilidade de contacto directo com o sofrimento, deverá ocorrer pontualmente, preferencialmente integrado numa boa forma, espelhando a capacidade do sujeito conter e significar esta angústia (Salvador 2010).

Por fim, no que respeita aos *conteúdos*, esperamos encontrar uma maioria de símbolos humanos inteiros, reais e imaginários, e expressando uma identidade diferenciada e integrada, separada dum outro, reconhecido enquanto diferente (*op*). Os sujeitos deverão formular uma diversidade de imagens, ora mais concretas, ora mais abstractas, salientando-se a sua dimensão unificada e integrada pela capacidade de representação dos objectos enquanto um todo.

Em suma, salientamos a oscilação dinâmica das respostas de mãe e filho numa alternância de encontros num limiar de conteúdos mais dispersos e abstractos, rumo a (novos) símbolos (re)construídos e (re)integrados, numa alternância continente – conteúdo, (Ps- D), tornando possível a reparação através da criação de (novos) símbolos. *O símbolo criado, contém a experiência e características do anterior, constituindo-se um outro símbolo reparador, reconstituído depois da turbulência, transformado e recriado num novo*. Em suma, esta dialéctica continente - conteúdo, expressa na interacção de símbolos entre mãe e filho, é movida por uma lógica de *verdade, transformação, criação e reparação* (Marques 1999).

4.2. Vínculo♀♂ comensal, função α incipiente e perturbações na oscilação Ps- D

Este caracteriza-se por uma relação continente – conteúdo que não conduz ao crescimento, não sendo movido por um motor interno e desejo de crescimento e expansão, de caminhar de “mãos dadas” em direcção ao fundo e à verdade, que apesar de dolorosa irradia também uma “nova luz” sobre nós e o mundo externo.

A relação projectiva entre mãe e filho, desenvolve-se pelo contrário num caminhar cansado, a passos lentos e desvitalizados que permanecem na superfície segura dos objectos, nos limites bem definidos, não abraçando o desafio de pisar “novos” terrenos (des) conhecidos. Isto dá-nos conta de um predomínio sucessivo e rígido de G simples de boa qualidade formal, com poucos D e raros Dd, pela repetição e rigidez de funcionamento assente no controlo da realidade perceptiva (Chabert 1998). Não são “permitidos” movimentos progredientes dum conhecimento mais aprofundado, representado pelo *predomínio e excesso de F% e F+ %* que expressa a centração no factual, através dum sobre investimento da realidade que vem preencher ou substituir o vazio de um espaço psíquico que não encontra verdadeira ressonância com o mundo externo (*op*).

Esta parece aproximar-se da tendência “petrificada” Ps- D, causal, uma vez que a apreensão que “ tudo engloba sem nada discriminar” (G sucessivos), impede a verdadeira elaboração da dor, do desconhecido aproximando-se da defesa maníaca, numa tentativa de controlo e de posse, ao implicar a globalização a “qualquer preço” (Gavanha & Marques 2005/2009).

Pela dificuldade de tolerância à dor mental, o crescimento psíquico e a formação de (novos) símbolos fica empobrecida, (fraca função α), pela falta de entrega, curiosidade e desejo de conhecimento próprio de um vínculo – K. Podem surgir respostas Gbl e Dbl, centradas no branco, no vazio, na falta e na ausência, dando conta de um congelamento, petrificação da dor, revelando-se um processo quase paralisante do crescimento (Nascimento & Marques 2009). Nesta relação de respostas de mãe e filho não são criados novos símbolos desestabilizadores e inquietantes que rompam com a paralisção, não - vida, e não - conhecimento, permanecendo as suas narrativas no domínio da estagnação (*op*).

Esperamos um número muito reduzido de cinestésias na interacção das suas respostas, dada a pobreza e falha de articulação entre a percepção e projecção. Estas ocorrem num espaço transitivo de ligação e criação de novas possibilidades, que não pode ser vivido por ambos dado as falhas na função α , revêrie imageante que abre espaço ao sonho e à

transformação (Marques 1998). Dada a fiel ancoragem à realidade também não esperamos nas interações das suas narrativas a ocorrência de *kp* e *kob*, resultando estes de intensos movimentos pulsionais «vindos de dentro», dada a dificuldade de ligação, expressão e transformação do seu mundo interno. Poderão ocorrer pontualmente respostas *kan*, pela dificuldade de tolerância à angústia e sofrimento e incapacidade de elaboração de conteúdos humanos, que são deslocados para conteúdos animais (Chabert 1998).

Os *determinantes sensoriais* surgirão em número muito reduzido, associados maioritariamente a elementos formais, dada a dificuldade de entrega total à afectividade. Poderão contudo surgir respostas com referência à cor acromática (C'), ou branca, da ordem da paralisação (Gavanha & Marques 2005/2009).

Relativamente aos *conteúdos*, estes evidenciam um imaginário pobre, com dificuldade de acesso à fantasia, ficando a elaboração de conflitos fortemente comprometida. Neste sentido, esperamos um número muito elevado de banalidades, revelador do desinvestimento do sujeito na procura de significados internos, essenciais a uma capacidade simbólica reparadora e geradora de crescimento (Salvador & Marques 2010) Nos conteúdos humanos, não é evidenciado um verdadeiro investimento do outro, surgindo respostas especulares, em espelho e sobretudo salientando a *simetria*, o igual, não transformado nem diferenciado (Chabert 1998). Poderão surgir com mais frequência respostas “pele” e *Geo*, colocando novamente o ênfase nos limites e no reforço de fronteiras firmes e rígidas, pouco permeáveis, podendo evidenciar-se respostas com conteúdos simbólicos estáticos e objectos duros, congelados, nomeadamente estátuas, ou elementos de arquitectura, arte, abstracção, permanecendo num domínio das defesas e racionalidade (*op*).

Em suma, estes aspectos assentam numa lógica de funcionamento e relação colada ao real, de pobreza e opressão dos movimentos projectivos, dificuldade de acesso ao imaginário e ao sonho, numa relação com um continente que “enclausura”, limita, não transforma verdadeiramente, nem gera mudança nem crescimento. Os processos psíquicos de reparação simbólica não podem existir verdadeiramente na relação projectiva mãe-filho, dada a intolerância à dor, caos e à dispersão fruto “prisão” interna onde habitam.

4.3. Vínculo ♀♂ parasitário, função α inoperante e falhas severas na oscilação Ps- D

Na dinâmica projectiva, quando a dor mental, se revela demasiado dolorosa, e intolerável, esta permanece numa lógica de caos e turbulência sem - nome, que não pode ser significada, reintegrada e transformada num todo coeso, expresso pelo símbolo. Neste contexto, na relação de respostas entre mãe e filho, domina a posição esquizo – paranóide e a dispersão, sem um verdadeiro acesso à posição depressiva, com falência da função α e consequente transformação simbólica. A abordagem da realidade insere-se numa dimensão desintegrada com a ocorrência de modos de apreensão específicos, nomeadamente os G confabulados - existindo uma confusão entre as partes e o todo, G contaminados, onde surge a fusão e sobreposição de imagens, e os G informulados, onde as partes são desintegradas sem ligação com o todo (Gavanha & Marques 2005/2009). Poderá surgir na alternância de respostas de mãe e filho, a presença de repetidos D e Dd, associados porém a más formas, manifestando uma *compulsão à repetição*, impossibilidade de transformação, que quando associadas e partes do corpo humano, transparecem uma procura desesperada pelas partes que faltam (Chabert 1998), manifestando um forte desejo de completude interna, *permanecendo a verdadeira reparação simbólica* como uma *impossibilidade*. Assim, a ausência de elaboração de G simples, numa sequência turbulenta, evidencia a prevalência da fragmentação e dispersão, incapacidade de (re) união num (novo) símbolo/continente, que contenha, agarre e confira significado a estas partes desintegradas, reinando a não - existência de movimentos progredientes- Ps- D, estabilizadores do caos.

Nesta dinâmica verifica-se a presença de um elevado número de respostas com determinantes formais vagos, ou mesmo de má qualidade (F-) na sucessão de respostas de mãe e filho, manifestando simultaneamente o desejo de encontro com um continente com limites bem definidos reparador da dispersão interna. No entanto os símbolos criados, revelam-se como falsos continentes, ocos, que esvaziam e deixam cair e escorregar os conteúdos depositados, impossibilitando a transformação pela função α . Continente e conteúdo ligam-se por intermédio de – K, porque apenas este tipo de vínculos defende contra a intolerância da verdadeira separação (Salvador & Marques 2010) A imprecisão e indeterminação da resposta não é mais do que a mentira –K, face à verdade incómoda do simbolismo latente internamente, verdade evitada ou escondida através da defesa pela permanência na superfície externa (Gavanha & Marques 2005)

Esta falha na função continente, traduz-se na predominância de respostas impressionistas, com determinante sensorial puro (C e C'), ou como primeiro determinante (CF), manifestas sobretudo nos cartões II e III, pela introdução do vermelho, evidenciando a ausência de um continente adequado e transformador da emergência de afectos maciços e dolorosos, “o que pode revelar a excitabilidade da pele que salvaguarda a estabilidade do continente, com conseqüente negatividade do vínculos inerentes ao pensamento “(Gavanha & Marques 2005). Deste modo, a fuga à dor psíquica, passa por mecanismos de sobreinvestimento das dimensões perceptivas (Pinheiro & Marques 2009). Assim, na dinâmica projectiva, o impacte doloroso de solicitações do meio externo, não encontra possibilidade de elaboração, pensamento e contenção interna, permanecendo na ordem de um «*terror sem nome*» (Zimmermann 1995). As respostas Clob e E, surgirão sobretudo nos cartões cinzento- escuro, solicitadores de fortes angústias, e carências de origem precoce. Encontraremos presente sobretudo, sucessivas respostas de esbatimento de textura e difusão, manifestando uma ausência de pele psíquica e envelope contentor, com limites indefinidos, impossibilitando assim a passagem a um movimento progrediente de Ps - D (Chabert 1998).

As grandes cinestésias (K), e cinestésias animais (kan), irão surgir neste tipo de dinâmica em número muito reduzido, dada a dificuldade de representação de si, como um ser separado e integrado, em relação com o outro, expressando uma fragilidade identitária e de falta de coesão e “coluna vertebral interna”. Em contrapartida, a presença de pequenas cinestésias kob e kp – fruto de mecanismos de clivagem e identificações projectivas evacuativas, poderão dominar, em períodos de maior dispersão, a relação projectiva de mãe e filho (*op*). Os movimentos kob, associados à agressividade, e emergência de pulsões destrutivas não elaboradas, manifestam-se como uma descarga bruta, que gera também um movimento de caos e destruição num outro, e ausência de reunião posterior.

No que respeita aos conteúdos, estes caracterizam-se por respostas marcadamente fragmentadas, que se manifestam através e conteúdos anatómicos, sexuais e parciais – Hd e Ad – Sangue, expressando uma angústia em “bruto”, e enorme intolerância à frustração. Segundo (Gavanha & Marques 2009), estas são reveladoras da confusão eu - outro, dentro – fora e da existência de um continente que deixa transparecer as suas partes constituintes, semelhante a uma pele frágil e corrompida que deixa transparecer os seus órgãos. A fragmentação psíquica, inerente à posição esquizoparanóide, que alimenta o vínculo parasitário, manifestar-se-á através do ataque à integridade dos conteúdos, evidentes em respostas; explosão, fogo, confusão de reinos e pedras e objectos ociosos e duros com formas vagas, aos quais os indivíduos procuram “agarrar-se” e ancorar-se.

Em suma, na relação projectiva entre mãe e filho, quando esta é marcada por períodos de intolerância à angústia e frustração, reina a dispersão, marcada por um vínculo parasitário, com falhas severas na oscilação Ps- D, permanecendo as suas narrativas numa lógica sequencial de movimentos regredientes Ps – Ps, que não permitem a criação de um símbolo integrado, estável e transformador da desintegração e destruição, fruto da impossibilidade de acesso à posição depressiva e à reparação simbólica.

4.3. Caminho em direcção à Verdade (O), e possibilidade de elaboração da «posição transcendente»

Partindo do pressuposto de que a tarefa de interpretação da mancha, introduz os indivíduos numa situação de caos, desestabilização e mudança catastrófica, que se expressa e transforma por via do símbolo, esta envolve um percurso de aproximação e encontro com a própria Verdade (O), conduzindo a um estado posterior de unicidade, serenidade e pacificação - *posição transcendente* (Grotstein 2003)

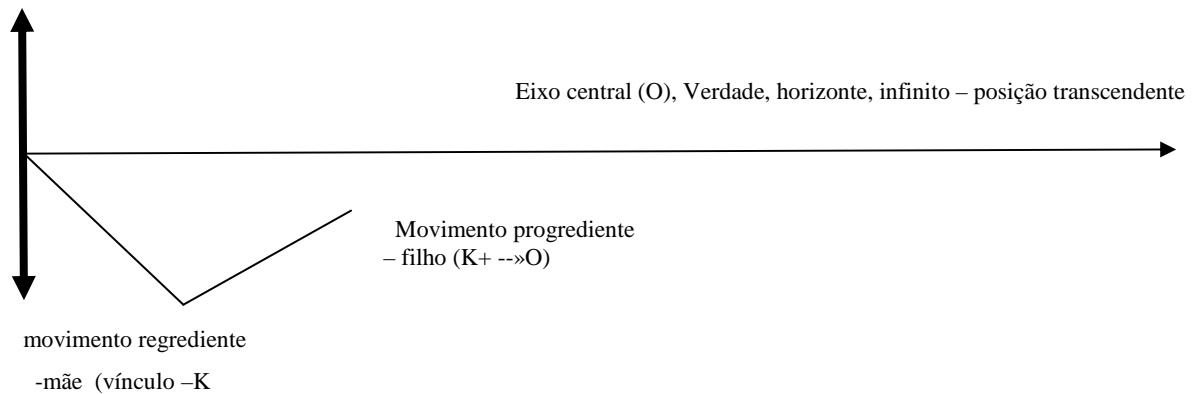
Na análise posterior das narrativas, propomo-nos assim pensar o *início*, o *fim*, e o *caminho trilhado*, intra e inter- cartões, numa análise da *primeira* e *última* resposta, de cada mancha, numa lógica de encontros e desencontros de uma busca mais profunda de «O», de convergência e divergência de símbolos e verdades (Gavancha & Marques 2005/2009). Entre mãe e filho, quem quebra o silêncio inicial, do contacto desestabilizador com a mancha? Quem conclui, termina e coloca um ponto final na exploração e na narrativa contada? Quem procura retomar um sentido e símbolo perdido do cartão anterior, e continuar o trabalho da sua completude?

Uma *primeira* resposta, corresponde a um estado inicial, O, que percorre um processo de transformação T(O), revelando - se numa *resposta final*, num *símbolo*, *produto* de duas verdades transformadas e (des)cobertas, T(O) mãe e T (O) filho, que marcam também o *fim* do desejo de exploração (Marques 1994). Pensar o *início* e *fim*, num percurso que ocorre em *movimentos progredientes (Ps-»D) de aproximação e exploração da verdade, e regredientes de afastamento (D-»Ps), em movimentos bidireccionais -K – +K, de crescimento vs. paralisação* (Pinheiro & Marques 2009). Assim, numa análise mais aprofundada das narrativas, sentimos que podemos pensar os símbolos criados por mãe e filho, numa dimensão gráfica, de movimentos de destruição e *desintegração (Ps)*, que se afastam de um eixo central

O, e de reintegração, reunião e *reparação (D)*, e aproximação de O e do *descanso* da posição transcendente (Grotstein 2003).

Sentimos que o processo de exploração e aprofundamento, aproximação da verdade subjectiva e intersubjectiva expresso na dinâmica projectiva Rorschach, conduz a um processo de acalmia e pacificação, sentido nos comentários adicionais, posturas e procura de proximidade corporal, construído e desenvolvido ao longo da aplicação da prova.. *“depois de atravessar os pesadelos da posição esquizoparanóide, e os buracos negros e catedrais de interiores pesarosos da posição depressiva, é capaz de se tornar reconciliado com a experiência pura de Ser e Acontecer (op, p.376)”*

Em suma, apresentaremos um «gráfico» representativo, construído com base nas concepções teóricas de Bion e Grotstein. Os desenvolvimentos teóricos destes autores, permitiram a reflexão e alargamento de novos procedimentos de análise, tendo sido desenvolvidos nos trabalhos de Marques (1994), e repensados agora n dinâmica e sequência de respostas de mãe e filho na situação projectiva.



5. APRESENTAÇÃO dos SUJEITOS

«Dois rostos, dois olhares espelhados no Rorschach»

Falemos agora em breves linhas de mãe e filho que possibilitaram e deram corpo à reflexão deste trabalho.

O Gonçalo é uma criança pequenina e franzina, de pele escura e cabelo negro, com uns olhos grandes de pestanas longas e tristes. Tem onze anos de idade no entanto pela sua aparência pequena e frágil, parece ser muito mais novo. Tem um tom de voz grosso e muito meigo, que permanece facilmente no ouvido.

Encontrou-nos no contexto de um pedido de Avaliação Psicológica, por mau comportamento, dificuldades escolares, estando a repetir o 5º ano, e chorando com frequência nos testes, referindo que não é capaz de realizar as tarefas.

Depois de um primeiro encontro, pergunta-nos sorridente á entrada no gabinete: *Hoje vamos fazer outra vez aqueles exercícios?*

Conhecemos também os seus pais, que além do Gonçalo, têm mais uma filha de 4 anos, descrevendo-nos logo num primeiro momento as queixas sobre o filho; as notas, a agressividade com a mãe, as mentiras, os castigos, e as soluções que procuram para o seu comportamento etc. Contam que o Gonçalo passa a vida no computador, não vê mais nada à frente, tendo ficado proibido de jogar nestes últimos tempos.

A mãe, com quem contactámos também de perto, é uma mulher com cerca de 40 anos, *manicure* de profissão, aceitou em colaborar connosco, entrando com o filho no gabinete, para um encontro num (novo) espaço. Ali encontrámos mãe e filho, projectados numa imagem simétrica *em espelho*, sentados lado a lado frente a uma situação desconhecida. Reconhecemos em ambos um mesmo olhar, um mesmo pestanejar inquieto, a mesma expressão, um sorriso semelhante, e o mesmo desejo de (se) ligar.

6. ANÁLISE DO PROTOCOLO

«Dois caminhos, que trilham um caminho partilhado»

O Gonçalo entra acompanhado pela mãe, que surge de mãos “cheias” de sacos que coloca sobre o colo quando se senta. Invade desde logo o espaço com queixas sobre o filho, as dificuldades da vida, o excesso de trabalho etc. O Gonçalo, encolhe-se na cadeira, cruza os braços, como habitualmente nas outras sessões, e olha-me com tristeza e zanga, mordendo o lábio inferior. Iniciamos assim aquele espaço de encontro numa lógica de agressividade, destruição, e dispersão de narrativas.

Apresento-lhes finalmente o nosso instrumento Rorschach. No contacto com o *primeiro cartão*, a mãe coloca os seus óculos, aproximando-se da mancha, num desejo de *ver melhor* e mais de perto. O Gonçalo sorri, mexe-se na cadeira, volta a cruzar os braços, e é ele quem quebra o silêncio inicial, após um tempo de latência de 13 segundos, criando o *primeiro* símbolo deste caminho conjunto. Dá uma resposta em G, apreendendo a totalidade da mancha associada a um determinante formal de boa qualidade (F+), sustentada pela banalidade “*Borboleta*”, manifestando a capacidade de transformação numa situação inquietante de turbulência (Ps), movimento progrediente, rumo a um *símbolo integrado, continente bem delimitado* possibilitando o acesso à posição depressiva, e elaboração de processos psíquicos de *reparação simbólica*. Esta primeira resposta, dá conta da possibilidade de representação integrada de si em relação com um outro, numa boa integração na realidade e no mundo.

A mãe não “descola” os olhos do cartão e vê “*uma pedra*”, símbolo duro e estático, que *esmaga* de forma agressiva, a fragilidade e possibilidades transformadoras da “borboleta”. Esta resposta evidencia um movimento regrediente (D – PS), própria dum vínculo parasitário –K, num continente duro, oco, fragmentado com limites indefinidos. Este primeiro símbolo materno dado logo no primeiro cartão, que reenvia directamente para uma primeira relação precoce ilumina, uma forma de relacionamento *esmagadora, pesada, sem concretos, fria e cortante* expressa pelos elementos de simbolismo evocados pela *pedra*. Evidencia igualmente uma vivência e representação de si, inquietante, *vaga e difusa*, onde os limites interno – externo não se apresentam bem definidos, numa imagem *desvitalizada, dura, paralisante, não – transformadora*. O desejo de ancoragem perceptiva a um objecto não resultou, falhou, diluiu-se não gerando possibilidades criativas e reparadoras.

No momento seguinte, a mãe elabora a *última resposta* a este cartão – “*uma montanha*” em D, evoluindo na localização de exploração da mancha, permanecendo no

entanto numa forma vaga da natureza, que surge como uma procura reparadora do símbolo anterior. A montanha significando uma pedra polida e transformada, ainda de forma insuficiente, não conduziu à verdadeira transformação e reparação fruto dos seus limites indefinidos e inseguros. No fim reina o silêncio, que evoca os símbolos silenciados que não encontraram uma função α que os significasse. O Gonçalo iniciou com um símbolo inicial reparador do caos inicial em D, terminando este, transformado agredido e destruído pela mãe em Ps. Neste primeiro cartão, que remete para *qualquer início*, mãe e filho não comunicam, criando símbolos desligados, opostos e sem relação.

No *cartão II*, o Gonçalo retoma novamente a narrativa responde de imediato “*uma pedra com sangue*”, contendo a sua resposta, resíduos dos símbolos evocados pela mãe no cartão anterior, produto duma lógica de movimentos regredientes (Ps- Ps). O Gonçalo reage vivamente à introdução da cor vermelho, evocada pela resposta *sangue*, associada afecto agressivo maciço em estado puro não elaborado internamente, não encontrou um continente que aliviasse o seu impacto pela forma e limites definidos. Esta surge associada e elementos mais crus, agressivos e destrutivos que surgem na narrativa do Gonçalo num primeiro momento, procurando apesar disso o seu impacto ser *amortizado*, pela *pedra*.

Este símbolo, surge novamente associado a formas indefinidas representando um continente materno duro, não transformador em D, contendo a vivência e desorganização materna vivida no cartão anterior. Olha para a mãe, procurando reconhecer o impacto da sua resposta, e a devolução transformada da sua agressividade num *novo* símbolo. A mãe explora novamente individualmente a mancha na sua totalidade, evitando uma entrega mais profunda ao (des)conhecido, numa atitude superficial e pouco comprometida, elaborando um símbolo estático - *um desenho dobrado ao meio* - onde é destacada a simetria e ancoragem à realidade perceptiva do material, procurando reparar de forma mal sucedida o símbolo anterior. Continente – conteúdo ligam-se por meio de um vínculo comensal, onde não opera uma verdadeira transformação e reparação.

Neste cartão, o Gonçalo inicia uma procura de maior ligação, aproximação e diálogo intersubjectivo com a mãe, convergindo e completando a sua narrativa, - *duas pinturas “iguais”*. Mãe e filho convergem relativamente à observação de simetria e representação da relação, bilateral, estática, dois iguais, sem formas, apresentando-se esta uma forma de alívio e contacto com a realidade perceptiva, não simbólica, apresentando - se como a única tentativa reparadora da turbulência vivida, que não manifesta um verdadeiro contacto com o mundo interno.

A resposta *final* da mãe a este cartão, desenvolve-se num movimento progrediente (Ps-D) pela introdução de movimento, depois de uma sequência de símbolos estáticos (*pedra, desenho simétrico*) criados anteriormente. O símbolo, “*dois cães a beijarem-se*” manifesta a presença de um processo psíquico de *reparação maníaca*, expresso por um mecanismo defensivo de *formação reactiva*, manifestando um movimento oposto a um desejo recalcado e constituído em reacção a ele (Chabert 1998). Assim a agressividade intensa, é substituída e reparada de forma *mágica*, sem um verdadeiro contacto com a ausência e frustração, num novo símbolo, não representante de uma verdadeira oscilação dinâmica e transformadora (Ps-D), fruto dum vínculo simbiótico +K.

No *cartão III*, após um momento de latência inicial de 13 segundos, a mãe (re)inicia esta pesquisa simbólica, numa resposta em G, retornando novamente um conteúdo animal, expressando este, grande dificuldade de tolerância à frustração, pela deslocação de conteúdos animais. O diminutivo “*passarinhos*”, dá conta de uma lógica regressiva, infantilizada e *fragilidade identitária, ao nível da representação sexuada de si*, em relação com um outro. Assim o símbolo seguinte criado pelo Gonçalo, - *duas pessoas* – evidencia um movimento progrediente, próprio duma relação dinâmica e transformadora, continente - conteúdo e por isso *reparador do* símbolo anterior, pela possibilidade de elaboração de um conteúdo humano inteiro “adulto”, representação dum objecto total, integrada e separada, capaz de tolerar a separação e ausência e elaboração da posição depressiva. No inquérito dos limites a mãe permanece com os *passarinhos*, descrevendo a sua constituição, as asas e o bico, tentando novamente o Gonçalo *reparar* a desintegração materna (“*passarinhos de salto alto não existem*”) devolvendo-lhe uma nova imagem, mais unificada de si.

No entanto, na narrativa do Gonçalo, “*as duas pessoas*”, surgem também desprovidas duma identificação sexual, podendo expressar possivelmente as suas dificuldades de afirmação masculina, perante o confronto com um feminino materno potente, esmagador e agressivo evidenciado nos símbolos: *pedras, montanhas*, situando-se porém também num contexto de aplicação entre duas mulher, *a mãe* e a examinadora.

É também interessante verificar, que ao contrário do cartão anterior neste, o vermelho não é evocado manifestando ambos um afastamento, dada a solicitação pulsional da cor, sentida como fonte de perigo e ameaça.

Por fim, num segundo momento do inquérito, sentimos que mãe e filho comunicam de uma outra forma; estão mais próximos e ligados, dialogando numa lógica simbólica e

transitiva, sobre os símbolos criados por um e por outro, evidenciando um estado de acalmia e pacificação descritos por Grotstein (2003), através de movimentos de aproximação à verdade e elaboração da *posição transcendente*.

O Gonçalo elabora a *primeira* resposta do *cartão IV*, abordando directamente o conteúdo latente, traduzido através de uma imagem de potência fálica, “ *um elefante*”, justificado pela presença da tromba, elemento de boa qualidade formal e conteúdo animal, num movimento progrediente (Ps - D), de nomeação e atribuição de significado de uma vivência turbulenta e inquietante transformada por via dum símbolo coeso (D). A resposta seguinte da mãe, - *pele seca de animal* - permanece numa exploração superficial da mancha, pela presença continuada de G sucessivos, próprios de um vínculo comensal, não transformador, com determinante EF, onde a falta, e a carência precoce, não encontram um envelope psíquico com limites adequados que contenha e transforme esta experiência primária. A *pele seca*, representa uma imagem passiva, *desvitalizada*, fragmento animal, simultaneamente *castradora* do símbolo anterior do Gonçalo, e que busca num novo *símbolo*, a sua completude e reintegração. Esta foi a primeira vez, em que a mãe procura directamente a comunicação com o filho, ressentindo os danos provocados, perguntando: *E tu filho?*

Perante o silêncio, a mãe elabora um movimento progrediente (Ps - D) de *reparação narísica*, introduzido pelo movimento (K), «injecção de vida» e preenchimento da falta, representado numa figura total – *palhaço* - figura sorriso triste, símbolo dum processo de reparação maníaca de anulação, evitação do contacto com a dor, não permitindo a *verdadeira reparação*. Nesta sequência surge rapidamente uma nova resposta “*espanta pardais*”- retorno a um movimento regrediente (D - Ps), dum objecto mais assustador de formas indefinidas, o qual o Gonçalo completa sorrindo – *Espantalho* – numa lógica de convergência de ambos num símbolo final. *O espantalho*, está carregado de simbolismo, imagem desvitalizada, à qual é atribuída uma *falsa vida*, dum movimento de retorno a uma representação frágil, danificada incompleta de si. *O espantalho é feito de farrapos, objecto reconstruído a partir de trapos velhos, permanece sozinho no vazio dos campos, e contém em si um movimento de afastamento dos pardais. Este símbolo fala profundamente da vivência que a mãe tem de si, um objecto danificado, um corpo em farrapos, evocando movimentos agressivos de afastamento e castração do outro.*

Por fim, o inquérito dos limites evidencia novamente a abertura ao sonho, *rêverie imigente*, a um trabalho de ligação e comunicação de dois mundos, interno/externo, expresso

pela narrativa imaginada por mãe e filho, em torno do espantalho, num *regresso ao campo*, à *natureza, aos pássaros e a novos voos em torno de um objecto construído e transformacional*.

No *cartão V*, cujas solicitações latentes remetem para a representação de si, numa lógica de coesão/desintegração identitária, a mãe, não recuperada da angústia e vivência do cartão anterior, dá a primeira resposta hesitante "*parece aqueles bichos*", inscrita numa apreensão da totalidade da mancha, num continente vago, com ausência de limites definidos, fruto duma vivência de si, inscrita num envelope psíquico frágil e poroso, não delimitador seguro do mundo interno/externo. A mãe comenta connosco que não encontra a palavra para designar aquele animal, permanece com os olhos entregues à interpretação da mancha solicitando em nós um pedido de ajuda nesta *busca de integração de si, do próprio nome e vivência interna*.

Neste sentido, a dor e turbulência são demasiado intensas, não sendo pensadas e transformadas pela função α , próprias dum vínculo parasitário, -K, permanecendo na ordem do *sem nome*, e *sentido(s)*. Nesta sequência, o Gonçalo cria uma resposta convergente, um *símbolo reparador* desta falha materna, devolve um *novo* nome e significante adequado dotado de boas características formais, expresso pela banalidade animal – *morcego*. De seguida oscila para uma imagem feminina "*borboleta*", hesitando e estabelecendo relação com a resposta dada ao primeiro cartão: "*isto se calhar era uma borboleta, e o outro anterior é que era um morcego*", evidenciando também alguma fragilidade na estabilização identificatória. No entanto, esta transição e relação *morcego/ borboleta*, manifesta também a procura de um *símbolo reparador feminino*, para devolver à mãe.

Por fim, é o Gonçalo quem termina a exploração deste cartão, num movimento regrediente (D – Ps), de F+ para F-, *um cão com asas*", revelador da desintegração corporal e turbulência interna, que anseia simultaneamente por um (novo) encontro com um símbolo reparador (D), próprio de um vínculo simbiótico e função α , transformadora da dispersão e desintegração.

O *cartão VI*, pela sua configuração fálica, é dotado de implicações pulsionais sexuais, numa lógica agressiva e dominadora vs. passiva. Desta vez, é a mãe quem *inicia* a interpretação, - *isto parece um foguetão* – situada no detalhe superior da mancha, representando um movimento de descarga bruto, evidenciado por um símbolo potente e demolidor, de força fálica (*foguetão*). Nesta sequência, o Gonçalo confirma a interpretação da

mãe, é contagiado e envolve-se também nesta lógica de símbolos dispersos em Ps- Ps, numa relação de *vínculo parasitário*, onde reina a destruição, sobre a reunião e reparação. É importante referir que a totalidade da mancha não é abordada, evidenciando a impossibilidade de restituição da completude e integração num símbolo total unificado, permitindo através dele o acesso à posição depressiva.

Perante a evidência e turbulência de um *primeiro símbolo materno* desorganizador, o Gonçalo, não consegue retornar a um símbolo total, estabilizador do caos, num movimento progrediente (Ps - D), permanecendo numa lógica crescente de desintegração (Ps- Ps), através de uma sequência simbólica: *foguetão – fogo - explosão*. As narrativas de mãe e filho, convergem, completam-se e crescem numa comunicação e dança efusiva e desorganizada, de movimentos regredientes (Ps – Ps), aliada a um vínculo parasitário, incapaz de conter e transformar a turbulência e a dor psíquica, impossibilitando a emergência de um símbolo – continente seguro e por isso *reparador*, da agressividade. Neste sentido, retomando as ideias de Klein e Bion, quando a dor da perda, ausência e separação é demasiado intensa, esta não permite o acesso à posição depressiva e verdadeira *reparação simbólica*. Por fim, a *despedida* deste cartão termina, com uma resposta materna – *bomba* – marcando o *fim*, e a emergência da agressividade pela destruição, e *explosão*.

No final, o inquérito possibilita uma nova abertura à imaginação, onde mãe e filho recordam e dialogam sobre os símbolos criados, introduzindo novas ideias e desenvolvimento dos movimentos “*um foguetão a ir para a lua no espaço*”, “*a sair aqui debaixo da terra e depois explode em cima, fumo a sair*”, culminando mesmo assim num cenário de caos e destruição.

O *cartão VII*, pela sua *estrutura aberta, oca, de ligação* (Chabert 1998), reactiva vivências precoces com a imago materna, evidenciando a sua importância no seio desta relação projectiva mãe – filho, que remete simbolicamente para modalidades relacionais primitivas, apelando à rêverie e transformação de β em α , e à formação do símbolo e desenvolvimento da capacidade de pensar,

É o Gonçalo quem retoma rapidamente a narrativa, “*isto parece uma estátua*”, símbolo duro, petrificado e congelado, com limites indefinidos (F +/-), representante de um colo e continente materno duro e frio, não caloroso e transformador. Este, dá também conta de um congelamento e petrificação da dor e ausência (Gavanha e Marques 2005), não sendo esta verdadeiramente representada e elaborada internamente, própria de um vínculo – K. No entanto, nesta sequência, o Gonçalo elabora quase em simultâneo uma *nova* resposta – *uma*

taça de campeão, - com integração do branco (Gbl), objecto inteiro de boa qualidade formal. Este revela um movimento progrediente (F+ - /F+), e desejo de aproximação e conhecimento mais profundo do objecto, no entanto, este símbolo carrega características dum anterior, estando assente no branco, no vazio, na falta, ausência e incompletude (Chabert 1998), revelador duma carência precoce. Sentimos também que este símbolo evidencia a presença de processos psíquicos de reparação de ordem maníaca, (*taça de campeão*), surgindo como uma defesa contra vivências dolorosas, não ocorrendo a sua verdadeira transformação, surgindo uma resolução onipotente de triunfo, domino sobre o objecto.

A mãe, sentindo-se silenciosamente atingida pelas solicitações deste símbolo, questiona o filho, repetindo: “*Taça de campeão ??*”.

Permanece no entanto, verdadeiramente entregue a esta interpretação inquietante da mancha, revelando-se este um cartão de grande impacto e desestabilização, mas simultaneamente apaixonante, pelo seu carácter (des)conhecido, ficando em silêncio, em movimentos de maior aproximação, agarrando e colocando o cartão perto dos olhos, - conseqüente afastamento. O Gonçalo espera pacientemente por um novo símbolo e significado. A mãe recusa, diz-nos *que não está a conseguir identificar, não encontra um símbolo* para a sua inquietude. A intolerância à perda e ausência não permite a passagem dum estado de desorganização interna Ps, à posição depressiva, e formação simbólica, permanecendo a relação continente - conteúdo, ligada a um vínculo parasitário, e ausência da função α transformadora. Porém o gelo é quebrado por uma resposta na totalidade da mancha, longe duma exploração mais aprofundada, “*algo introduzido numa rocha e que está a deitar fumo*”, sem envelope forma, desintegrada, evidenciando um movimento interno agressivo. A mãe procura agarrar-se a alguns elementos da realidade perceptiva, no entanto cria uma imagem vaga que se dilui e desvanece. O Gonçalo procura reparar este movimento materno, questionando a sua resposta, “*está a deitar fogo?* No inquérito dos limites evoca a resposta adicional “*dois cães*”, movimento progrediente, evocado num símbolo reparador, que remete pela primeira vez para a relação bilateral evocada no cartão. A mãe de seguida espontaneamente refere que o Gonçalo “*não gosta nada de cães*”.

Neste cartão, sentimos que a mãe se envolve e liga profundamente a esta mancha inquietante, tem dificuldade em evocar simbolicamente o seu significado, no entanto não desiste e permanece, deixando transparecer um desejo de ligação infinita e exploratória a este objecto desconhecido. Foi difícil separar-se, colocar um ponto final, evocando como última resposta, “*algo a derramar óleo para a água*”. Ambas as respostas evidenciam um elevado nível de angústia, evidenciado por movimentos de descarga, aliados inicialmente a um

fragmento duro (*rocha*), que se converte *em água*, elemento primário, de vivência intra-uterina, contaminado pelo óleo que se derrama ao longo da mancha. Por fim, a dor inerente ao conteúdo simbólico do cartão, é intolerável para mãe e filho, não permitindo a elaboração da posição depressiva, e trabalho de reparação, permanecendo numa lógica sequencial de movimentos regredientes (Ps – Ps), relação própria dum vínculo parasitário.

No *cartão VIII*, depois de uma vivência de maior angustia no cartão anterior, o Gonçalo reinicia a narrativa com um movimento animal *dois lagartos a ver quem sobe primeiro ao topo* – de boa qualidade formal, numa lógica integrada e adaptativa (D), símbolo representante de uma relação de rivalidade. Nesta sequência, a mãe devolve-nos um símbolo paralisante do movimento anterior (“*duas estátuas iguais*”), novamente de inscrição formal vaga, numa lógica de destruição, que congela, desvitaliza e petrifica a vida, assente no igual, não diferenciado e não - transformador. Este é fruto de um movimento regrediente (D – Ps), retorno à posição esquizoparanóide, e a um estado menos organizado. Neste sentido, o Gonçalo procura retomar um movimento progrediente, insistindo “*estão a fazer corridas*”, procurando reparar simbolicamente a *desvitalização* das estátuas, pela sobreposição de movimento animal. Porém, a mãe insiste novamente numa lógica inscrita num continente duro, oco, paralisador e destruídos dos conteúdos depositados, representante dum vínculo parasitário - K. *Por fim*, a solicitação simbólica do cartão, pela presença da cor é considerada como solicitação à comunicação, à troca e relações com o mundo exterior (Chabert 1998), não tendo existindo uma mudança de clima emocional das narrativas pela introdução de novos elementos sensoriais. Neste sentido, a comunicação de mãe e filho, assenta numa lógica divergente e oposta, de *movimento e transformação (D)* vs. *paralisação/ congelamento (Ps)*. Esta é reveladora da sua modalidade relacional, no sentido em que mãe congela, petrifica e destrói compulsivamente os movimentos de criatividade, exploração e reparação introduzidos pelo filho.

No *Cartão IX*, a mãe retoma com a *estátua*, objecto paralisante que surge repetidas vezes ao longo do protocolo, numa lógica ruminante e superficial, de não aprofundamento da realidade, numa sequência repetitiva avassaladora, (*estátua - coisa de pedra*), numa abordagem da mancha própria de um *vínculo comensal*. Depois desta sequência, a mãe evidencia um processo de reparação do símbolo anterior, pela introdução de movimento *nas*

estátuas, às quais é atribuído um novo nome – *peixes* – de forma precisa, com novo continente delimitador, desenvolvido por um movimento progrediente ($Ps - D$), rumo a um (novo) símbolo mais unificado e criativo. No inquérito dos limites, a mãe desenvolve, (re)cria e completa a sua resposta, numa lógica mais regressiva, descrevendo o movimento cíclico da água, que converge numa – *fonte luminosa* – representada no azul central do cartão. A sua narrativa evidencia simultaneamente um objecto duro, oco e frio, que contrasta com o movimento da água, e os *repuxos*, que contêm simbolicamente uma modalidade agressiva. O elemento *água*, evocado repetidas vezes ao longo do seu discurso, reenvia para um simbolismo materno pré – genital, associado à gravidez e ao nascimento, expresso também pela resposta – *fonte luminosa – símbolo reparador* e contrastante com a vivência de uma fonte escura, com repuxos de água cortantes.

Assim que o Gonçalo procura completar e convergir no mesmo símbolo da mãe, “*depois cai*”, acentuando um movimento de *queda livre da água*, que traduz simbolicamente a sua vivência interna com o objecto materno, esta retoma uma lógica regrediente de congelamento e movimento de retrocesso ao símbolo anterior – *ou então são estátuas*. Esta dinâmica de respostas, revela uma vivência primitiva entre mãe e filho, e evidencia a queda dos conteúdos depositados pelo Gonçalo (elementos β), num continente duro, oco, sem limites bem constituídos – *estátua* – que destrói, paralisa e petrifica, numa lógica de *não – transformação*, estabelecida por uma relação de vínculo parasitário. Os elementos β , não são desintoxicados pela função α materna, não sendo transformados num símbolo – imagem unificado e reparado.

Neste cartão, o Gonçalo levantou-se, manifestando maior agitação, podendo este movimento corporal, evidenciar uma *descarga e resposta* pelo corpo, contra o congelamento materno. Mesmo no inquérito dos limites, o Gonçalo comenta “*este não consegui!*”, tendo ficado os seus movimentos de formação de símbolos imobilizados, e petrificados, não elaborados internamente, numa lógica de permanência em Ps , própria de um vínculo – K .

O cartão X , dada a fragmentação da mancha, solicita a capacidade do sujeito em integrar os diferentes elementos dispersos, que só possível com o acesso à posição depressiva. Este apresenta-se como o último cartão, marcando também o fim da dinâmica relacional mãe – filho vivida na situação projectiva. É a mãe quem dá a *primeira* resposta, “*são duas pinturas, como do Picasso*”, apreendendo a mancha na totalidade, numa lógica defensiva, superficial de pouca profundidade, exploração e entrega ao desconhecido. Esta reflecte uma

relação continente – conteúdo de *vínculo comensal* – K. Perante uma realidade fragmentada e dispersa Ps materializada pela mancha, a mãe procura organizar-se e transformá-la num símbolo unificado e coeso, o qual não manifesta uma verdadeira elaboração interna e reparação de uma situação inquietante caótica e inquietante. A sua resposta evidencia a predominância das características perceptivas, não elaboradas internamente, associadas a um continente formal vago e indefinido. Neste sentido, manifesta também um movimento de afastamento e racionalização e não apropriação da mancha, manifestando que são *do Picasso*.

Nesta sequência, o Gonçalo através de um movimento progrediente (Ps – D), organiza a dispersão num todo mais organizado, elaborado e transformado internamente – *acho que é uma cara inventada* – conferindo sentido, e o encontro de uma resposta materna dispersa, com continente com bons limites formais, mais coeso e elaborado, numa oscilação dinâmica Ps- D e função α transformadora. O *sem – forma (pinturas)*, adquire uma *forma definida (cara inventada)*, e um *rosto* mais concreto. O *rosto materno* destruído, procura agora a sua restituição numa nova cara, que visa *reparar* a sua completude, num desejo de reunião e reintegração de conteúdos Hd, manifestando-se uma verdadeira tarefa de *reparação simbólica*, possível pela elaboração da posição depressiva.

De seguida, a mãe agarra no cartão e coloca-o em frente a si e centra-se sobretudo nos detalhes superiores da mancha, dando uma resposta animal de boa qualidade formal, e de seguida duas respostas anatómicas – *cervical e útero*. As suas respostas, não exploram mais profundamente a totalidade da mancha, não permitindo um verdadeiro acesso à posição depressiva e processos de reparação simbólica inerentes. Estas desenvolvem-se numa lógica sequencial de movimentos regredientes – *animais, cervical, útero* – de símbolos mais consistentes, culminando num *órgão feminino frágil*, ao contrário da cervical, manifestando a existência também de um continente e envelope psíquico muito frágil e transparente, que não protege o seu interior (Chabert 1998), evidenciando assim uma enorme angústia corporal. A mãe procura em seguida reparar as suas próprias respostas fragmentadas, tentando constituir *duas caras*, dotadas porém de má qualidade formal, que evidenciam um vínculo parasitário, - K.

Porém é o Gonçalo que marca um ponto final, nesta dinâmica de aplicação conjunta, apontando e evocando novamente as bochechas, no rosa do cartão, onde a mãe tinha visto anteriormente duas caras. As *bochechas*, representam simbolicamente um continente mole e acolhedor, denominando-se as *almofadas do rosto*, dispostas para acolher, transformar e *fazer*

sonhar, os conteúdos *nelas depositados*. Tanto a mãe, como o Gonçalo, comentaram o facto de este constituir o último cartão do protocolo, marcando uma *separação* da prova, e o final dum caminho partilhado de *comunicação, criação, simbolização, transformação e reparação*.

Por fim, sentimos que a vivência relacional de mãe e filho no *final* da prova, contrasta com o *inicio*, expressa por uma maior proximidade corporal, onde o Gonçalo procura ligar-se à mãe, dá-lhe um abraço e beijinhos, deita-se quase com a cabeça no seu colo, e sorri satisfeito, agora mais livre, calmo e pacificado do que no *inicio*. A mãe corresponde aos movimentos do filho, *deixa-se ligar, responde às suas solicitações de carinho, faz uma festa no seu cabelo, olha-nos e sorri também*. Sentimos que a situação projectiva de mãe e filho, se manifesta também como um processo de aproximação da verdade subjectiva e relacional – intersubjectiva, conduzindo este movimento um estado de acalmia e pacificação interna.

O discurso de ataque e agressividade é substituído por uma nova narrativa. Agradecemos a colaboração e a mãe responde-nos: “Eu é que agradeço poder colaborar, adoro muito os meus filhos, só quero o bem deles, e o Gonçalo sabe que eu gosto muito dele!” O Gonçalo já não se contrai e esconde na cadeira, sorri um bocadinho envergonhado. No final, mesmo antes de caminhar para a porta, a mãe diz-nos: “*Dra. posso fazer-lhe uma pergunta? Não estrague as suas unhas, porque são muito bonitas. É este o meu trabalho.*”

Análise do(s) psicograma(s)

Relativamente à análise do psicograma, este apresenta um total de (35), respostas das quais, (14) são do Gonçalo, e (21) da mãe, manifestando dificuldade de verdadeira entrega e pesquisa de um objecto desconhecido. Nesta dinâmica conjunta, como referimos anteriormente, os símbolos criados por um, têm interferência nos símbolos evocados pelo outro, não podendo ser analisados de forma isolada, mas numa lógica recíproca de comunicação, ligação e relação simbólica. Ao longo do protocolo, sentimos que as narrativas da mãe, se apresentam como movimentos de congelamento e esmagadores dos símbolos mais frágeis e criativos do filho, aspecto que inibiu e interferiu, a sua exploração nalguns cartões.

No que respeita aos modos de apreensão, verifica-se uma utilização dominante de pesquisa simbólica em G, (53%) e um pouco menor em D (38%), existindo poucas sequências

G - D de maior profundidade e conhecimento do objecto. Estas surgem com frequência associadas a F vagos, com limites indefinidos, expressando a existência de continentes psíquicos sem um envelope estável verdadeiramente delimitador, numa atitude defensiva contra a frustração e a dor do desconhecido, não permitindo o verdadeiro acesso à posição depressiva e reparação. As modalidades de apreensão da mancha nas respostas de mãe e filho, revelam-se muito semelhantes, ocupando os modos de apreensão global cerca de metade das suas respostas (50 e 52%). O Gonçalo elabora ainda, duas repostas (Gbl/ Dbl 2,9 %), que integram também o branco do cartão, reenviando para temáticas mais precoces assentes na falta e na ausência que esperam o encontro com um continente que as preencha e contenha.

No entanto, é importante salientar que nas narrativas do Gonçalo, os G's surgem mais frequentemente associados a formas de boa qualidade, expresso por um F+ %, alargado muito elevado, evidenciando também a emergência de movimentos progredientes e organizadores do caos, numa oscilação dinâmica Ps - D, própria de um vínculo simbiótico. Sentimos que é o Gonçalo quem manifesta processos psíquicos de reparação simbólica mais evidentes, numa possibilidade de acesso e (re)organização da posição depressiva.

Relativamente aos determinantes totais, verifica-se uma predominância de F% de (62%) ocupando 21 das 35 respostas ao longo do protocolo, apresentando o Gonçalo valores formais (71%) superiores aos da mãe (52%), abaixo dos valores normativos. Dado o número inferior de respostas F+ nos símbolos criados pela mãe (50%), o Gonçalo procura a elaboração de continente permeável, e atribuindo *forma* ao indefinido e *sem forma*, como uma resposta simbólica reparadora, das respostas de inscrição indeterminada, vaga e dispersa elaboradas pela mãe, numa relação de 7 num total de 11, evidenciando assim movimentos progredientes de Ps - D. No que concerne os outros determinantes, as restantes respostas distribuem-se por duas grandes cinestésias (K), duas cinestésias animais (kan), seis cinestésias de objecto (kob), um determinante cinestésico puro (C) evocado pelo Gonçalo no cartão II, pela reactividade à cor, e duas respostas com determinantes duplo (CF) e (EF), elaborados pela mãe nos cartões X e IV. Neste contexto é importante salientar sobretudo o elevado número de respostas kob, produzidos em 5 símbolos maternos, dada a sua valência agressiva, destrutiva, de descarga pulsional, manifestando assim a dificuldade de elaboração, tolerância e transformação interna da turbulência, pela dificuldade de acesso e elaboração da posição depressiva, a partir de uma vivência em Ps. Por outro lado, são os determinantes formais que predominam nas respostas do Gonçalo, num rácio de 6 respostas F+ num total de 11. A

presença de respostas pontuais F – nas suas narrativas, evidenciam um carácter exploratório de pesquisa, tolerância à dúvida e frustração.

Em relação aos conteúdos, estes distribuem-se de forma diversificada na totalidade do protocolo com inscrição de respostas em várias categorias, acentuando-se uma predominância na categoria animal (A) de nove respostas (29%), contrastando com apenas uma resposta de carácter humano (8 %), que deixa transparecer a dificuldade de tolerância á dor e ausência, pela impossibilidade de representação integrada, separada de si, em relação com *um outro diferente*, e assim a dificuldade de acesso da vivência da perda e posição depressiva. Dado o seu carácter angustiante, os conflitos humanos são sobretudo transpostos para conteúdos animais, mais distantes e menos dolorosos. O Gonçalo revelou no entanto valores normativos e adequados de conteúdos humanos (14%) e animais (42%), manifestando a sua maior capacidade transformação e elaboração de conteúdos dolorosos, reintegrados em símbolos reparadores.

É importante salientar também a presença elevada de conteúdos de objectos duros e ociosos, nomeadamente Mineralogia, estátuas e outros Objectos, predominantes sobretudo nas narrativas da mãe, evidenciando uma relação continente – conteúdo rígida, não – transformadora, própria de um vínculo comensal.

Por fim, as respostas da mãe, integram muitas respostas fragmentadas e dispersas, nomeadamente: Ad, Hd, Desenho, Arte, Elem, Anat, que procuram *reparação e reintegração, num novo símbolo*, integrado unificado e coeso, movimento que o Gonçalo procura corresponder e completar. Nesta sequência, as suas narrativas integram um número adequado de Banalidades (5) num total de (14), em relação com um número insuficiente nas respostas da mãe.

No que concerne ao T.R.I. total, verificamos um resultado indicativo de um tipo ligeiramente extratensivo misto, em que os dois componentes da fórmula são semelhantes numa relação $2 K < 2.5 \text{ e } C$, embora escassamente investidos, em associação com uma Fórmula Complementar introversiva – $8 \text{ e } k > 1 \text{ e } E$, sugerindo a ressonância interna de mãe e filho, em relação aos objectos, sendo no entanto que 6 destas cinestésias estão associadas a movimentos kob, regredientes de descarga agressiva. A Reactividade à Cor cujo valor total é de (29%) apresentando o Gonçalo valores inferiores à mãe (14%), dando conta de alguma inibição na expressão afectiva associada à cor, podendo manifestar uma necessidade de inscrição formal, reparadora das narrativas da mãe (38%).

Por último, uma referência aos elementos qualitativos, que se expressam em *observações de simetria*, evocadas pela mãe e completas pelo Gonçalo no cartão II, e um elevado impacto do cartão VII, sobre a mãe, evidenciando alguma recusa e hesitação na sua interpretação, pelo reconhecimento do seu carácter doloroso e inquietante. No cartão IX, o Gonçalo recua, permanece em silêncio e refere que "*não consegue*", não evocando um símbolo significativo do seu sentir, recusando interpretar a mancha.

É interessante verificar que os símbolos de mãe e filho convergem numa lógica de completude de narrativas, nos cartões IV, V e VI, e divergem especialmente nos cartões VII, VIII e IX, num trabalho que remete para as solicitações simbólicas destes cartões específicos.

7. DISCUSSÃO

E quando nos encontramos perto do *fim*, precisamos de voltar ao *início*. Precisamos de retornar às ideias fundadoras deste trabalho e olhar de um *novo* modo para o caminho trilhado. Este capítulo consiste sobretudo num trabalho de *ligação*: do *início* e do *fim*, do *passado e do presente*, da *teoria e da prática*, entre um *saber e saber fazer*, entre o *plano interno que se materializa e expressa no plano externo*. Assim, procederemos a uma articulação entre os conceitos teóricos abordados na revisão de literatura, e que guiaram a nossa reflexão, nomeadamente a *reparação simbólica* (Houzel 1991), a *oscilação dinâmica continente – conteúdo (Ps- D)*, a *elaboração da posição transcendente* (Grotstein 2003); com as narrativas de mãe e filho, sustentados nos procedimentos elaborados, rumo ao objectivo inicial a que nos propusemos.

Este trabalho constituiu um espaço de exploração de *novas possibilidades* do instrumento Rorschach, onde mãe e filho se ligam, comunicam, *destroem e constroem* novos sentidos, e significados, num *novo* lugar, que integra uma nova lógica de análise conjunta de símbolos e narrativas. Assim, partindo do pressuposto de que a posição depressiva nunca é verdadeiramente superada (Segal 1964), observámos nas narrativas de mãe e filho, numa análise mais aprofundada cartão a cartão, a presença dinâmica de repetidos movimentos regredientes (Ps) e progredientes (D), de dispersão e desejo de encontro com D, onde operam processos psíquicos de *reparação simbólica* pela estabilização do caos, do dano e turbulência interna (Houzel 1991).

De uma forma geral, verificámos que na relação mãe – filho é sobretudo o Gonçalo quem manifesta um maior número de movimentos progredientes de verdadeira *reparação simbólica*, expressos num trabalho de completude e estabilização do mundo psíquico (Houzel 1991), pela passagem de um estado de imagens e ideias caóticas (Ps), para um no qual a coerência de manifesta (D); frente a narrativas maternas dispersas, pela elevada presença de elementos formais vagos, e movimentos de descarga, kob, surge a necessidade de elaboração reparadora de continentes firmes e delimitadores, expressos por um acento predominante de inscrição formal (F+ 70%). Sentimos que este aspecto nos dá conta da relação do Gonçalo com o mundo, expressa pela necessidade de delimitar, segurar e agarrar continentes firmes, procurando (re) organizar-se internamente em conjunto com a turbulência materna.

Assim, em contrapartida, a mãe apresenta nas suas narrativas, um elevado número de movimentos regredientes, de destruição congelamento (*estátuas, pedras*) e ataque, de

experiências *não pensadas*, em estado bruto (elementos β), não – transformadas pela função α , própria dum vínculo parasitário, numa *lógica evacuativa de identificações projectivas maciças* (Grinberg 1991, Zimmermann 1995, Symmington 1999), especialmente evidenciadas nos cartões VI, VII, VIII, dado o seu impacto e intolerância à frustração e emoções dolorosas (Fleming 2003).

Sentimos que o primeiro contacto da mãe com a prova, evidencia o seu modo relacional e abordagem do mundo externo, que assenta desde logo numa lógica destrutiva, de objectos potentes, numa sequência simbólica - “*uma pedra*”- que cai e esmaga a borboleta, movimento regrediente que procura posteriormente reparar, com um símbolo seguinte “*montanha*”, que manifesta uma agressividade com contornos mais polidos, de formas circulares, menos cortantes também numa tentativa de exploração mais profunda da mancha. Segundo Pinheiro & Marques (2009), *o voltar da regressão (Ps- D) trás com frequência bastantes sinais da primeira desorganização (Ps): as respostas transportam resíduos de uma angústia acentuada não digerida*. Este aspecto, evidencia-se com grande clareza, também no cartão II, onde a dispersão e angústia vivida no cartão anterior pela mãe, envolvem o Gonçalo, e não encontram no seu interior, um continente transformador, surgindo um símbolo *antigo* danificado, não reparado “*pedra com sangue*”, envolvido ainda com resíduos da destruição e feridas provocadas. Estes danos, encontram na narrativa materna apenas uma modalidade reparadora mais de tipo *maníaco*, “*dois cães a beijarem-se(II) palhaços (IV)*”, pela anulação da dor e do dano provocado, pelo desejo de triunfo e controlo onnipotente, que permite atenuar ou anular o sofrimento depressivo, graças à desvalorização dos *objectos feridos* (Houzel, 1991, Segal 1964, 1986), sendo a tarefa de reparação, transformada em *movimentos mágicos*, rápidos, na medida em que, *o sofrimento não é tolerado, emergindo a via da defesa pela negação maníaca que «anestesia» a dor* (Fleming 2003).

Podemos assim observar nas suas narrativas ao longo dos cartões, a petrificação, congelamento e não transformação da dor mental, pela presença de respostas *estátua*, e *mineralogia*, que surgem frequentemente ao longo do protocolo na presença de conteúdos mais dolorosos, próprias dum vínculo parasitário – K, e não elaboração da posição depressiva.

Analisando e repensando também os símbolos criados pela mãe ao longo do protocolo, sentimos que estes se desenvolvem em torno de uma grande *fragilidade* na *representação de si*, que procura na relação projectiva com o filho, a sua completude, reintegração e *reparação narcísica*. Este aspecto evidencia-se especialmente, na sequência de respostas nos cartões III, IV, V, surgindo por ordem - *dois passarinhos (III)*, *pele seca*, *palhaço*, *espantalho (IV)*, e

bicho que não sei o nome (V) algo que está a deitar fumo (VII). Logo no cartão III, a representação de si em relação separada e integrada com *um outro*, não é elaborada, sendo estes conteúdos mais dolorosos e intoleráveis, deslocados para uma relação infantilizada de conteúdos animais. Posteriormente, o fragmento animal *pele seca*, procura a sua completude e *reparação narcísica* através de um movimento progrediente (*Ps-D*), no símbolo *palhaço*, que regride novamente para uma representação danificada e desvitalizada – *espantalho* – que culmina no cartão V, num “*bicho, do qual não sabe o nome*” – não - significado, fruto de uma identidade frágil e vazia, que busca num outro, um continente e função α transformadora, capaz de devolver novos elementos desintoxicados e reparados, coesos e dotados de *nome próprio*. Na mãe, a vivência e sentimento de si, surge associada a uma angústia corporal (*pele seca, espantalho feito de farrapos*), ausência de envelope, pele psíquica e um continente delimitador entre o dentro e o fora, expresso pela presença de objectos fragmentados, elementos anatómicos, fragmentos humanos e animais e um número reduzido de Banalidades ao longo do protocolo. Este vivido não pensado, não tolerado, surge também sob a forma de descargas brutas e agressivas, onde operam fortes mecanismos de identificação projectiva (kob- 5) de descarga e evacuação de elementos β e vivências dolorosas. Neste sentido, destacamos o símbolo evocado espontaneamente no cartão IV, “*espanta – pardais*”, pois traduz verdadeiramente a ambivalência e representação de si, e das relações, onde surge uma imagem frágil, danificada, empobrecida e desvitalizada, que contém *movimentos agressivos não elaborados, dominadores, de afastamento e castração*, que esmagam, um outro, representado pela fragilidade dos pardais, não permitindo a elaboração da posição depressiva e representação de um objecto total.

Deste modo, sentimos que é o Gonçalo quem introduz uma verdadeira lógica comunicativa de diálogo simbólico, procura de proximidade e relação, pela introdução de *movimentos de convergência e completude da danificação materna*. O Gonçalo assume a *missão* de reunião, estabilização do vivido interno da mãe. Segundo Houzel (1991), a reparação desenvolve-se, pela possibilidade de identificação às partes danificadas de um objecto introjectado, originando movimentos reparadores que pressupõem também uma reparação narcísica, materializados pela *formação simbólica* (Segal 1952, Houzel 1991). Pensamos assim que a situação projectiva entre mãe e filho, possibilita simultaneamente um encontro e identificação introjectiva, com as partes danificadas do outro, pressupondo um processo de ligação ao próprio mundo interno (Marques 1999), gerando posteriormente movimentos reparadores e estabilizadores; expressos sobretudo nas narrativas do Gonçalo,

nos cartões III “*duas pessoas*”, IV “*espantalho*”, V “*morcego*”. Este processo reforça a necessidade de tolerância e à ansiedade depressiva, *deixando que o objecto se vá* (Segal 1991), surgindo como um novo objecto *recriado*.

A partir das concepções de Bion sobre a importância da rêverie materna, a relação continente - conteúdo e emergência da função α transformador no crescimento mental e de que “*toda a vida psíquica, precisa de uma outra vida psíquica para poder pensar e sonhar* (Marques 1999)”, sentimos importante analisar a comunicação simbólica de mãe - filho, nos cartões que pelas suas características específicas, reenviam para a relação materna (I, VII, IX) *Como comunicam? O que dizem um ao outro? Como falam do passado e do presente Como se ligam as suas respostas numa dialéctica continente – conteúdo?* No primeiro, as suas narrativas de mãe e filho ligam-se por meio de um vínculo parasitário –K, onde um primeiro símbolo em D, integrado e inscrito no real “*borboleta*”, é danificado e destruído por uma resposta materna em Ps “*pedra*”, não permitindo o retorno final à posição depressiva. No cartão VII, o Gonçalo elabora um símbolo em Gbl, “*taça de campeão*”, expressando uma vivência materna, assente no branco, no vazio, na falta, “*num espaço vazio que desejo ser preenchido*”(Grunberger 1979, Chasseguet- Smirgel 1984, Segal 1991), manifestando assim também um desejo de completude e reparação narcísica. A mãe permanece inquieta, envolvida na sua turbulência interna, num caos *sem-nome*, com alguns movimentos de recusa, que culminam numa resposta primitiva, sem forma nem consistência “*fumo/ algo a derramar óleo para a água*”, elemento vago e diluído, de determinante kob e carga agressiva, não permitindo a elaboração de um símbolo total, unificado e reparador (D), permanecendo numa dialéctica (Ps- Ps). Por último, o cartão IX, integra novamente uma narrativa materna dispersa e inquietante, com conteúdos estáticos (“*estátua*”) associados a determinantes kob (“*repuxos*”), face aos quais o Gonçalo não se envolve, recusa criar uma resposta.

Relembrando Segal (1955) sobre *a importância da posição depressiva e tolerância à perda, para a reconstituição simbólica do objecto* e tolerância ao negativo, à frustração e não-realização, aspectos postulados por Bion, verificamos que a angústia vivida por mãe e filho nestes cartões é demasiado intensa, não podendo ser transformada, significada e reparada, permanecendo numa lógica de dispersão (Ps - Ps), onde não existe um verdadeiro acesso à posição depressiva, não ocorrendo uma verdadeira simbolização da perda, separação e ausência.

Relembrando também que a situação projectiva consiste num trabalho psíquico de reorganização do caos, transformação e expansão mental (Marques 1994/1999), numa

experiência emocional movida por uma busca de Conhecimento (K), que visa um encontro e união com a Verdade (O), envolvida em movimentos progredientes de aproximação, e regredientes de afastamento; as *primeiras* narrativas criadas por mãe e filho, contêm um estado inicial («O») que se expressa num produto final («T O»), contido nas *ultimas respostas* do protocolo, iluminando o processo de transformação trilhado (Marques 1994). *O produto resultante desse processo, as respostas que o sujeito nos fornece, revelam algumas invariâncias que permitem reconhecer nesse produto final (Tβ), o original («O») transformado (op. p. 437)*. Assim, concebemos que a primeira resposta de mãe e filho, irradia uma verdade desconhecida, que percorre um caminho e processo de transformação até uma resposta final, *novo estado O*, no qual ambas se fundem. Deste modo, *a relação entre a verdade e O, caminha por onde se caminha para O. A nosso ver a verdade nunca é da ordem da evidência procurada, ela resulta da relação continente - conteúdo (Dias 2001)*.

Na mãe, um *primeiro* símbolo disperso, sem forma, duro e desvitalizado “*pedra*”(I), verdade (O), inquietante ainda desconhecida, evolui, transforma-se e adquire novos contornos num *ultima sequência simbólica* – “*cervical, útero, caras*” (X), verdade última (TO), que contem as *invariantes* da primeira, traduzindo um desejo profundo de completude, restituição reconstrução e reparação de si, pela emergência de respostas humanas em D. *Este início e fim*, evoca a vivência de um continente duro e frágil, com delimitações indefinidas, que evacua, não transforma e expulsa a dor. No Gonçalo, “*a borboleta*”(I), *primeiro* símbolo ancorado à realidade, e bem delimitado, revelador de uma verdade inicial (O), também ainda desconhecida, é transformado até um símbolo final, “*cara e rosto inventado*”(X), justificado pelos elementos constituintes, irradiando uma nova verdade (TO) e vivência primitiva de reunião, reintegração dos fragmentos, de reconstrução e reparação simbólica de um rosto danificado. Este último símbolo, revela verdadeiramente o caminho de transformação em «O», trilhado pelo Gonçalo, onde o branco, a falta e ausência, são invariantes de uma vivência primitiva (Dbl) sendo simbolizados, num continente delimitador, através de um movimento de completude e reparação do rosto materno e do seu próprio rosto no espelho, do plano projectivo. Assim, *no final, aquilo que é o verdadeiro ser de duas pessoas, («O» mãe e «O» filho), encontra-se na situação projectiva, adquirem pontos comuns e, cria um novo ponto inicial («O»), que contém elementos dos dois parceiros transformados (Marques 1994)*.

Por fim, sentimos que a experiência projectiva partilhada por mãe e filho, num caminho de interpretação, comunicação, simbolização e criação (Marques 1999), e o processo

de transformação em «O», introduz um *novo* estado de maior proximidade, contacto e alívio, evidenciado sobretudo num momento posterior, no inquérito dos limites, que traduziu uma *nova* unidade relacional. Aqui, mãe e filho, envolvem-se, criam novas narrativas, ligações e associações, num trabalho de criação e liberdade, semelhante ao trabalho do sonho, brincadeira e imaginação, abrindo a um universo de *novas e infinitas possibilidades, sendo possível dizer o resto na obra seguinte.*

Este aspecto reintroduz-nos nas concepções de Bion, de que a *mente necessita de verdade, como o corpo de alimento* (Grotstein 2003) evidenciando a situação projectiva um processo de transformação e criação de verdades, que saciam, acalmam e pacificam. No final sentimos que mãe e filho estavam envolvidos num estado de acalmia, alívio, pacificação e serenidade expresso pela proximidade e envolvência dos corpos, das expressões, descrito por Grotstein através da noção de “posição transcendente” que descreve que a ultrapassagem das ansiedades esquizoparanoides e depressivas, culminam num estado psicológico de *vir a ser e tornar-se, que envolve a experiência da dor, de um belo que é difícil alcançar* (p. 21). Este sentido de alívio provém do facto de que a sua experiência de dor emocional, estranha e que causa estranheza, foi convertida de inefabilidade (...) foi convertida para termos finitos, tangíveis, que são aceitáveis (p.383).

Por fim, os comentários e clima emocional que se viveu no *início*, e no *final* da aplicação da prova, dá conta dos movimentos de reparação que trilharam este caminho, marcado por um início turbulento de crítica e reprovação do comportamento do Gonçalo, que se manifesta num segundo momento na dinâmica de narrativas Rorschach, culminando numa vivência final estabilizadora e reparadora do caos vivido (Houzel 1991), materializada pelo último comentário da mãe, “*Dra. não estrague as suas unhas porque elas são muito bonitas! É esse o meu trabalho!*”

9. CONCLUSÃO

Chegámos porém ao final do nosso caminho, cujas dimensões finitas abrem campo a um universo (in) finito, que *não quer* encontrar um fim. O trabalho de reflexão pessoal, criação e interpretação, que habitou a nossa investigação, parece-nos também uma tarefa infinita à qual se tornou difícil colocar um ponto final. As inquietações iniciais, perguntas ainda sem fio, ganharam finalmente *corpo e nome* e alicerçados num quadro teórico psicanalítico kleiniano e pós kleiniano, propusemo-nos pensar os processos psíquicos de reparação simbólica numa aplicação conjunta Rorschach entre mãe e filho, enquanto movimentos inerentes a todo o psiquismo humano, presentes em qualquer estrutura de funcionamento e determinantes no crescimento e expansão mental.

Encontrámos assim nas narrativas criadas por mãe e filho movimentos de maior turbulência e dispersão que procuraram num símbolo seguinte, a sua reunião, reintegração e reparação, envolvidos mutuamente numa tarefa de interpretação, transformação e simbolização que operam neste instrumento projectivo. Os símbolos criados oscilaram numa relação continente – conteúdo, alternância entre as posições esquizoparanóide e depressiva, entre vivências de maior desorganização e destruição sempre que a dor mental se manifestava demasiado intensa e impossível de ser reparada.

De um modo geral, sentimos que o objectivo de estudo que nos propusemos, foi possível de ser pensado e alcançado, numa lógica de ligação, coerência e aprofundamento teórico e metodológico. Assim, o nosso percurso de trabalho caracterizou-se por uma necessidade de compreensão e apropriação de um corpo teórico específico na constituição do nosso objecto, e que guiou a interpretação e reflexão posterior no plano empírico.

Olhando para o trabalho realizado, as limitações mais salientes, prendem-se com aspectos relacionados com o rigor da própria situação de aplicação da prova. O tempo total da prova não foi contabilizado, e os respectivos tempos de latência em todos cartões não foram também devidamente assinalados. Também a nossa envolvência no decorrer da aplicação conjunta a mãe e filho, culminou no *esquecimento*, do inquérito final da prova das escolhas, aspectos que num futuro momento de aplicação, teríamos em maior consideração.

Relativamente aos seus aspectos mais positivos, sentimos que o nosso estudo permite o alargamento e expansão de *novas* potencialidades e aplicação do método Rorschach, que se apresenta como um instrumento de infinitas possibilidades de conhecimento profundo e

verdadeiro da (inter) subjectividade humana, dum modo de (se) sentir, ser e estar no mundo. A criação de novos procedimentos de análise, permitiu um maior conhecimento e aprofundamento do instrumento, do qual nos apropriamos sentindo verdadeiramente a sua riqueza, sentindo assim um desejo de continuação de investigação das suas *novas* possibilidades de conhecimento do psiquismo humano.

A aplicação conjunta da prova, contribui para *novas formas de fazer e ver* em Psicologia Clínica, permitindo aceder a lógicas relacionais inconscientes, de verdadeira *comunicação simbólica*, de interferência das narrativas, abrindo caminho para a verdade relacional em estado bruto, que se expressa num novo espaço de dinâmica projectiva. A oscilação dinâmica Ps - D inscrita nas narrativas, ilumina a vivência precoce de fome de símbolos reparadores, substitutos da ausência, numa dimensão comunicativa primitiva inscrita na relação continente – conteúdo. A modalidade projectiva conjunta, permite a avaliação dum espaço psíquico alargado, partilhado e envolvido por um continente e pele comum, onde duas (inter) subjectividades de ligam e desligam, constroem e destroem, numa dimensão transitiva, simbólica e criativa. A aplicação conjunta abre caminho para novas formas de intervir, num *espaço terapêutico* que pode ser habitado e construído em simultâneo por *mãe e filho*, inscrito nas possibilidades infinitas de criação simbólica, novas modalidades de relação e comunicação, assentes na possibilidade de formação de novos pensamentos, transforma (dores) da angústia e frustração, rumo ao crescimento e expansão mental.

Neste sentido, este estudo consistiu sobretudo num percurso de abertura, liberdade, criatividade e desenvolvimento da nossa capacidade de pensar, influenciando a própria forma de estar e sentir a prática clínica, a qual num percurso inicial ficou enriquecida de *reparação, formação simbólica, rêverie, transformação, dimensão infinita e expansão, entre tantos outros...*

E neste contexto, não posso deixar de falar da tua pequenina vida e das brincadeiras que fomos desenvolvendo evocadas logo *no início* deste trabalho; Em ti aprendi a ver movimentos de reparação simbólica intensos que emergem, voam e gritam no espaço que temos. E foi assim que num destes dias em que a tua mãe entrou contigo na sessão, falando das tuas complicações na escola, das lutas (in)compreendidas e confusões em que te envolvias; lembrei e me apropriei subitamente do cerne deste trabalho, e das memórias da aplicação conjunta, encontrando ali uma nova forma *de ser e fazer*.

E foi assim, que num segundo momento da sessão, cada um com a sua caneta, nos debruçamos sobre uma folha branca e iniciámos o *squiggle game*, que converge com a lógica de aplicação conjunta que guiou este trabalho. Iniciei um primeiro traço solto, que foi sendo construído, simbolizado por ti e pela tua mãe, terminando numa *construção dos três: eu, tu e a mãe*, representando dois corações; um grande e outro pequenino de mão dada, preenchidos com olhos, boca e nariz, onde por cima se inscreviam os vossos nomes.

E assim, terminaste num novo *estado transformado*, cuja dinâmica simbólica permitiu a emergência de processos psíquicos de reparação mútua.

Alicerçados *nestes exemplos*, no caminho desta investigação, podem emergir novas possibilidades de estudos futuros, dirigidos não apenas à dinâmica relacional de mãe - filho, mas alargados ao *espaço familiar*, de onde brota um *novo espaço* de comunicação inconsciente, permitindo aceder a verdades relacionais numa nova dinâmica de criação e reparação simbólica de uma rede relacional e *espaço psíquico mais alargado*. Neste sentido, a dinâmica de aplicação conjunta poderá estender-se igualmente a outros instrumentos projectivos, nomeadamente o CAT e o TAT. Poderia revelar-se também interessante a participação do clínico, numa aplicação conjunta Rorschach, reflectindo de que forma a introdução de determinados símbolos e narrativas inquietantes, interferem numa dinâmica projectiva e criação simbólica, através de movimentos regredientes e progredientes de destruição e reconstrução. Pela introdução de símbolos desestabilizadores e dolorosos, que processos psíquicos são mobilizados para a reorganização e transformação do caos e angústia?

Por fim, o percurso trilhado, moveu sobretudo novas formas de olhar para a realidade clínica a partir dos processos psíquicos de reparação, ligados à importância da formação simbólica e função reparadora do símbolo. Permitiu também a abertura à concepção de sujeito psicológico, pensado na dimensão amor - ódio, vida - morte, destruição - (re) construção, solidão e procura, busca e paralisação, numa oscilação dinâmica entre as posições esquizoparanóide e depressiva, onde intervêm processos psíquicos de reorganização do caos e turbulência, numa dimensão transformadora e infinita.




Ligando o fim, ao início, este foi um espaço de diálogo contigo, onde aprendi a cozer e unir retalhes de escrita e pensamento, mergulhando também eu num processo de reparação.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



- Chabert, C. (1997/1998). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1984). Thoughts on the Concept of Reparation and the Hierarchy of Creative Acts. *International Review of Psycho-Analysis*, 11, 399-406.
- Carreiras, M. A. (2005). *Da criação e da morte: Peregrinação pela obra de Paul Celan*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra, Coimbra
- Dias, A. (2000). *Volto já: ensaios sobre o real*. Lisboa: Fim de Século.
- Dias, A. (2001). *Da interpretação psicanalítica*. Lisboa: Analytica
- Dias, A. (2003). *Modelos de interpretação em psicanálise*. Coimbra : Almedina
- Fleming, M. (2003). *Dor sem nome. Pensar o sofrimento*. Porto: Edições Afrontamento.
- Figueiredo, C.(1991). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Bertrand
- Gavancha, S., & Marques, M. E. (2009). O conflito estético na adolescência. *Análise Psicológica*, 27(3), 269-279.
- Greenberg, R. & Mitchell, A.(2003). *Relações de Objecto na Teoria Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Editores
- Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. (1991). *Nueva introducción a las ideas de Bion*. Buenos Aires: Tecnipublicaciones.
- Grinberg, L. Paniagua, C. (1991). The Attraction of Leonardo Da Vinci. *International Review of Psycho- Analysis* 18, 1
- Grunberger, B. Chasseguet, S. (1979). *La Sublimation, les sentiers de la creation: les grands decouvertes de la psychanalyse*. Paris: Tchou


- Grotstein, J.(2003). *Quem é o sonhador que sonha o sonho? Um estudo de presenças psíquicas*. Lisboa: Imago
- Hesse, H. (1998). *Siddhartha: um poema indiano*. Lisboa: Casa das Letras
- Hinshelwood, R. (1992). *Dicionário do pensamento kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Houzel, D. (1991). « Identification introjective, reparation, formation du symbole ». *Journal de la psychanalyse de l' enfant*, 10, 46 – 72
- Klein, M. (1937/1996). Amor, culpa e reparação. In *Amor, culpa e reparação* (pp. 347-384). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1975)
- Klein, M. (1930/1996). A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In *Amor, culpa e reparação* (pp. 331-345). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1975)
- Kundera, M. (1983). *A Insustentável Leveza do Ser*. Publicações Dom Quixote. Lisboa
- Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (1990) *Vocabulário de Psicanálise*. Lisboa: Presença
- Marques, M. E. (1999). *A psicologia clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi.
- Marques, M. E. (1994) «Do Desejo de Saber ao Saber do Desejo: Contributos para a Caracterização da Situação Projectiva», *Análise Psicológica* (1994), 4 (XII): 431-439
Lisboa Instituto Superior de Psicologia Aplicada,
- Nascimento, A. Marques, M. (2009). Vazio que é Vazio, Vazio que é Procura. (Des)Encontros. Procurar o (no) Vazio no e pelo Rorschach. *Análise Psicológica*, 27(3), 365-374
- Pinheiro, C. Marques, M. (2009). O Pensar: Suas (im)possibilidades em sujeitos com fibrose quística, através do Rorschach. *Análise Psicológica*, 27(3), 273-246

- Segal, H. (1957/1991). Notas sobre a formação de símbolos. In E. B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein Hoje – Desenvolvimentos da teoria e da técnica Volume 1: Artigos predominantemente teóricos* (pp. 167-184). Rio de Janeiro: Imago.
- Segal, H. (1952). *A psycho-analytical approach to aesthetics*. London; New York: Karnac, 2004
- Segal, H. (1964). *Introduction to the work of Melanie Klein*. London: Karnac, 1973
- Segal, H. (1989). *Klein*. London: Karnac
- Segal, H. (1981). *Work of Hanna Segal: a kleinian approach to clinical practice – delusion and artistic creativity & other psychoanalytic Essays*. London: Free Association Books pp. 147- 159
- Segal, H. (1993). *Sonho, fantasia e arte*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1991) pp. 63-73; 95 - 117
- Salvador, R. (2010). O espaço do materno e do feminino em sujeitos toxicodependentes expresso(s) no/pelo Rorschach. *Dissertação de Mestrado*. Lisboa: ISPA.
- Stake, R. (1995). *The art of case study research*. California: Sage.
- Symington, J., & Symington, N. (1997/1999). *O pensamento clínico de Wilfred Bion*. Lisboa: Climepsi.
- Willi, J. «La passation en commun du Rorschach un test d' interaction direct» *Bulletin de Psychologie* T. XXXII 339
- Zimerman, D. (1995). *Bion: da teoria à prática – uma leitura didáctica*. Porto Alegre: Artes Médicas

| | | | | |
|--|--|--|------------------------------|---|
| <p>Cartão I</p>  | <p>13''</p> <p>1 – Borboleta (G) <i>cruza os braços e ri-se</i></p> <p>2 - Uma pedra (M) <i>...permanece a olhar...</i></p> <p>3- Uma montanha (M) (.....) <i>silêncio</i></p> | <p>Tudo</p> <p>Tudo na pedra</p> <p>Uma montanha aqui ao lado do esquerdo e direito (<i>toca no cartão e aponta para os D laterais</i>)</p> | <p>G F+ A Ban</p> | <p>G F± Miner</p> <p>D F± Nat.</p> |
| <p>Cartão II</p>  | <p>4/5 – Uma pedra com sangue (G) <i>olha para a mãe</i></p> <p>6 – Um desenho dobrado ao meio com as pinturas....(M) <i>....iguais! (G) completa o Gonçalves</i></p> <p>7– Dois cães a beijarem-se também. Dois animais não é? (M) Mais Nada! (G)</p> | <p>Preto com sangue no vermelho</p> <p>Tudo</p> <p>Preto um e outro D</p> <p>Estes dois aqui – <i>O Gonçalves aponta para o cartão e diz onde a mãe vê os cães</i></p> | <p>D F± Min D C Sang</p> | <p>G F± Desenho - simetria</p> <p>G kan A Ban</p> |
| <p>Cartão III</p>  | <p>13''</p> <p>8 – Dois passarinhos (M)</p> <p>9 – Duas pessoas (G) Mais nada! Também não! (M)</p> | <p><i>Aqui tu disseste dois passarinhos mãe (G) – D preto</i></p> <p><i>Aqui poisados, e aqui são as asas abertas né filho? (D vermelho) (M)</i></p> <p>Este preto assim, olha aqui os sapatos altos! (D inf) (M)</p> <p>Passarinhos de sapatos altos não há, que giro! (G) <i>ri-se</i></p> | <p>G K H Ban</p> | <p>G F + A</p> |
| <p>Cartão IV</p> | <p>10 – Um elefante (G)</p> <p>11– Uma pele seca, dá a sensação de ser uma pele de animal seca</p> | <p>Tudo (G) A tromba aqui em baixo, tudo o resto (<i>o Gonçalves toca no cartão e a mãe também a explicar</i>)</p> | <p>G F + A</p> | <p>G EF (Ad) Ban</p> |

| | | | | |
|--|---|---|---|---|
|  | <p>(M) <i>Tu filho?</i></p> <p>12 – Também pode ser aqueles Palhaços (M)</p> <p>Espanta pardais ...<i>(ri-se)</i></p> <p><i>O Gonçalo também se ri</i></p> <p>13-...Espantalhos (G) <i>diz a sorrir para completar a mãe</i></p> | <p>Tudo (M)</p> <p>Tudo. O espantalho quando a gente passa no campo (<i>mãe faz um gesto c/ a mão</i>), inventam a cabeça em forma de abóbora e depois os braços (<i>mostra</i>)</p> | | <p>G K (H)</p> <p>G F± Obj</p> |
| <p>Cartão V</p>  | <p>14– Isto parece mais aqueles bichos.....(M)....(<i>não encontra a palavra</i>)</p> <p>15- Morcego! (G)</p> <p>Isso parece um morcego (M)</p> <p>Ou então..</p> <p>Isto se calhar era borboleta e o outro anterior é que era morcego (G)</p> <p>16 - Um cão com asas! (G)</p> | <p>Tudo. Aqui com as patitas (D)</p> <p>Depois eu disse que se calhar era uma borboleta e o outro é que era um morcego (G) – <i>diz entusiasmado</i></p> <p><i>Não sei (G)</i></p> | <p>G F+ A Ban</p> <p>G F – (A)</p> | <p>G F± A</p> |
| <p>Cartão VI</p>  | <p>17- Isto deve ser um foguetão.. parece um foguetão. (M)</p> <p>Pois parece. (G)</p> <p>18- Um foguetão ou fogo, ou alguma coisa que explodiu! (G)</p> <p>19- ...Uma bomba! (M) ?!</p> <p>E mais nada. (G)</p> | <p>Em cima (D) <i>mostra a mãe “A ir para a lua no espaço!” (Gonçalo)</i></p> <p><i>Mãe aponta p/ o eixo central- A Sair aqui debaixo da terra – (M)</i></p> <p>E depois explode, com o fumo a sair aqui em cima (G) – <i>aponta a imagem</i></p> <p>Vem aqui de baixo e depois explode em cima (G)</p> | <p>D kob Fogo</p> | <p>D kob Obj</p> <p>G kob Obj.</p> <p><i>Explosão</i></p> |
| <p>Cartão VII</p>  | <p>20 – Isto parece uma estátua ou</p> <p>21- uma taça de campeão (G)</p> <p><i>Taça de campeão???</i> (M)</p> | <p>Tudo preto.</p> <p>Tudo, a gente agarrava aqui.</p> <p>Iupii!!! (G)</p> | <p>G F± Estátua</p> <p>Gbl F+ Obj</p> | |

| | | | | |
|---|---|---|--------------------|--|
| | <p>(...) <i>mãe fica durante algum tempo a olhar p/ o cartão, inquieta.</i></p> <p>22- Isto aqui não consigo identificar....(...)</p> <p>Parece algo introduzido...numa rocha e que está a deitar fumo (M)</p> <p>Tá a deitar fogo? (<i>ri-se</i>) (G)</p> <p>Se calhar....</p> <p>(<i>mãe agarra no cartão e aproxima-o dos olhos</i>) “<i>Uma pessoa tem as coisas e depois no momento não consegue.</i> (M)</p> <p><i>Ai não consigo identificar isto.</i></p> <p>23- Algo a derramar qualquer coisa para a água, a derramar óleo para a água.</p> | <p>“<i>Este não consegui identificar</i>”(M)</p> <p>D inferior</p> <p>D inf e espalha-se. Tão bonito. – <i>diz ironicamente</i> (G)</p> <p>R.A. Dois cães! (G)</p> <p><i>Ele não gosta de cães!</i> (M)</p> <p>D inferior “<i>Aqui em baixo e depois derrama-se por aqui..</i>” (M)</p> | <p>G F+ A</p> | <p>G kob Nat</p> <p>D/G kob Elem.</p> |
| <p>Cartão VIII</p>  | <p>24- Parecem dois lagartos a ver quem sobe até ao topo primeiro (G)</p> <p>25- Duas estátuas iguais, se calhar (M)</p> <p>Tão a fazer corridas! (G)</p> <p>Duas estátuas iguais de animais..(M) – <i>pode tirar por mim</i>»</p> <p>Não sei que bichos são estes...(M)</p> <p>Lagartos p/ ver quem chega 1º ao topo! (G)</p> | <p>Rosa. Vinham daqui..(<i>toca e faz o movimento no cartão</i>)</p> <p><i>E tu disseste que eram duas estátuas!</i>(G)</p> <p>Tudo, com os animais (rosa lateral)</p> | <p>D kan A Ban</p> | <p>D F± Estátua</p> |
| <p>Cartão IX</p>  | <p>26/27- Acho que é uma estátua, com uma coisa de pedra, com água, os peixes que deitam água, repuxos (M)</p> <p>Depois cai... (G)</p> | <p><i>Este não consegui!!</i> (G)</p> <p>Azul central é a fonte (M)</p> <p>Vinha por aqui (Rosa inf) e depois caía (azul central) Como uma fonte luminosa (M)</p> | | <p>D F± Estátua</p> <p>D kob Elem.</p> |

| | | | | |
|--|---|---|------------------|--|
| | <p>- Ou então são estátuas..(<i>mãe agarra no cartão</i>) <i>Ai esse não consigo identificar</i></p> <p><i>Gonçalo levanta-se..olha p/ o cartão e volta-se a sentar.</i></p> <p>Não, nada(G)</p> | | | |
| <p>Cartão X</p>  | <p>28- São duas pinturas....como do Picasso (M)</p> <p>29- Acho que é.....uma cara inventada, aqui os olhos, o bigode, a cabeça, as bochechas....aqui é..</p> <p><i>Parece uma cara , olha o bigode (ri se e toca entusiasmado muitas vezes no cartão)</i></p> <p><i>Mãe agarra no cartão</i></p> <p>30/31/32- Isto aqui também se formos a ver, parecem dois animais, a cervical, também parece o útero na parte de baixo,</p> <p>33- Aqui também duas caras (rosa) (M)</p> <p>Duas bochechas (G) <i>toca no cartão</i></p> <p><i>Mais nada. Mais nada oh mãe !(G)</i></p> <p><i>Isso é complicado!</i></p> <p><i>Já tá!</i></p> | <p>Tudo</p> <p>Olhos (azul), bigode (verde), cabeça (preto), bochechas (rosa)</p> <p>R.A. nariz (laranja central), testa (preto)</p> <p>Parece um ET! (G)</p> <p>Animais (preto), cervical (D superior negro), útero (D negro inf)</p> <p>Rosa central</p> <p>Foi o último!</p> <p>Rosa</p> | <p>DbI F+ Hd</p> | <p>G CF Arte</p> <p>D F+ A Ban D F+Anat</p> <p>D F-Anat</p> <p>D F- Hd</p> |

ANEXO B: PSICOGRAMAS

Psicograma Protocolo Mãe + filho

| | | | | | |
|-----------------------|-------------------------------|----------------------------|-------------------------------|--|---|
| R - 34 Recusas - 2 | G - 18 G% - 53 | Σ F= 21 | F+ = 9 F- = 3 F +/- = 9 | A - 9 (A) - 1 H - 1 (H) - 1 Ad - 1 Hd - 2 Miner - 2 Estátua - 3 Obj - 4 Sangue - 1 Anat - 2 Desenho - 1 Arte - 1 Nat - 2 Fogo - 1 Elem - 2 BAN - 7 | F% - 62% F+% - 64 % Fa% - 74 % F+a% - 83,3 % A% - 29% H% - 9 % |
| | D - 13 D% - 38 | K - 2 kan - 2 kob- 2 | | | |
| | Gbl - 1 Dbl - 1 D/G - 1 | C - 1 CF - 2 EF - 1 | | | |

T. Apreensão: $\underline{G} \bar{D}$

T.R.I.: $2K < 2,5 \Sigma C$
F. Compl.: $8 \Sigma k > 1 \Sigma E$
R.C.: 29 %
I.A.:

Elementos Qualitativos:

Equivalente choque - VII
Observação simetria - II
Tendência recusa - VII, IX

Símbolos convergentes - IV, V, VI
Símbolos divergentes - VII, VIII, IX

PSICOGRAMA - GONÇALO

| | | | | | |
|--------|---|----------------|----------------------------|---|--------------------------------------|
| R - 13 | G - 7 G% - 50 | $\Sigma F = 9$ | F+ = 6 F± = 2 F- = 1 | A - 6 H - 1 Hd - 1 | F% - 71 % F+% - 70 % Fa% - 92% |
| | D - 4 Dbl - 1 Gbl - 1 D % - 28 | | | Miner - 1 Sangue - 1 Fogo - 1 Estátua - 1 Obj - 1 | F+a% - 100% |
| | | | | BAN - 5 | A% - 42 % H% - 14% |

T. Apreensão: G D

Elementos Qualitativos:

T.R.I.: $1K < 1.5\Sigma C$
F. Compl.: $3\Sigma k > 0\Sigma E$
R.C.: 14 %

Observação simetria - II, VIII
Tendência recusa - IX

PSICOGRAMA MÃE

| | | | | | |
|--------|------------------------------|-----------------|---|---|-----------------------------------|
| R - 21 | G - 11 G% - 52 | $\Sigma F = 11$ | F+ = 2 F± = 2 F- = 7 | A - 3 Ad - 1 Miner - 1 (H) - 1 Hd - 1 | F % - 52% F+% - 50% F a % - |
| | D - 8 D% - 38% D/G - 1 | | | Estátua - 2 Desenho - 1 Arte - 1 Obj - 3 Elem - 2 Anat - 2 | F+a% - 68 % |
| | | | K - 1 Kan - 1 Kob - 5 EF - 1 CF - 1 | BAN - 3 | H % - 5 % A% - 19 % |

T. Apreensão:
T.R.I - $1K < 2 \Sigma C$
F. C - $6 \Sigma > 1 E$

Elementos Qualitativos

R. C - 38 %

Equivalente choque - VII
Observação simetria - II
Tendência recusa - VII, I

Quadro resumo dos procedimentos na oscilação dinâmica de respostas mãe filho, numa lógica continente – conteúdo, Ps- D

| Verdadeira reparação – vínculo simbiótico, função □□ transformadora, oscilação dinâmica P s - D | | Vínculo comensal - função □□ incipiente e perturbação na oscilação Ps - D | | Vínculo parasitário, função a inoperante e falhas severas na oscilação Ps - D | |
|--|---|---|---|--|--|
| G → D → Dd associados a F+ | - desejo de profundidade e conhecimento - tolerância à frustração e não – saber (movimentos progredientes) K→ 0 | G→G →G sucessivos | - rigidez, permanência na superfície, controlo da realidade perceptiva - não tolerância à dúvida e a movimentos progredientes mais profundos, ausência de entrega ao desconhecido | G confabulado G contaminado D→ Dd → Dd associados F- | - confusão entre as partes e o todo - fusão e sobreposição de imagens - compulsão à repetição, não-transformação (Ps- Ps) |
| Dd → D→ G | - representação dum objecto total, elaboração da posição depressiva, retorno a um símbolo reparador (vínculo K+) | | | | |
| G elaborados associados a boas formas | - transformação, criatividade - procura dum novo símbolo,(Ps- D) | Gbl /Dbl | - congelamento paralizante centrado no vazio, na ausência, não existe um (novo) símbolo desconcertante, não transformação (vínculo –K) | Ausência de G simples | - incapacidade de reunião num símbolo integrado, total, <i>reparador</i> e estabilizador do caos, não elaboração da posição depressiva |
| F - → F+ | - tolerância à dúvida, perturbação, falha procura de “nome”, seguido de um encontro com um <i>continente reparador</i> , estável com limites definidos, movimento progrediente Ps →D) | F+ - F± - F+ | -sobre investimento do real, ausência de criatividade, <i>continente “enclausurante”</i> , não transformador, rígido, duro e pouco permeável, sem desorganização não ocorre reparação simbólica | F - / F± F- →F- → F± | - continente sem limites definidos, não cumpre a sua função - símbolos - <i>falsos continentes</i> , ocos, que esvaziam , os conteúdos impossibilitando a transformação pela função □□□vínculo –K) (Ps- Ps) |
| Cinestésias humanas – K | - representação integrada de si, em relação com um outro, tolerância à ausência e separação, possibilidade de elaboração da posição depressiva - criação dum símbolo reparador da perda (Ps →D) | Cinestésias humanas (em número reduzido) | - pobreza e falha na articulação entre a percepção e projecção, pouco contacto com o mundo interno, ancoragem à realidade - não existe espaço para o sonho, criação e transformação | Cinestésias humanas K (quase inexistentes) | - dificuldade de representação de si, ser separado e integrado, em relação com o outro, - fragilidade identitária, falta de coesão e “coluna vertebral interna – não elaboração de um símbolo total, reparador-posição depressiva |

| | | | | | |
|--|---|--|--|---|--|
| <p>Se :Kob → F+ (em número reduzido)</p> | <p>- momentos de descarga e expressão da agressividade e destruição encontram na resposta seguido de um símbolo estabilizador e reparador do caos e destruição, com limites bem definidos</p> | <p>Kob e Kp (inexistentes)</p> | <p>- não tolerância a movimentos pulsionais agressivos e destruição, neutralização dos afectos pela ancoragem no real</p> | <p>Kob / Kp (sucessivos) Kob → kob</p> | <p>- clivagem , identificações projectivas evacuativas, descarga bruta, caos e destruição - não elaboração de um (novo) símbolo de re- união em D (Ps- Ps)</p> |
| <p>Kan → K</p> | <p>- actividade imaginária e criativa, o brincar, transposição de realidade dolorosa p/ conteúdo animal - encontro na resposta seguinte, com um novo símbolo – K- conteúdo humano inteiro- capaz de conter, elaborar e transformar a angústia anterior</p> | <p>Kan (respostas pontuais)</p> | <p>- dificuldade de tolerância à angústia e incapacidade de elaboração de conteúdos animais - não surgem verdadeiros símbolos reparadores pela falta de ligação do mundo interno – externo e abertura ao espaço transitivo de relação</p> | <p>Kan (em número reduzido)</p> | <p>- dificuldade de tolerância à angústia e frustração, - poderão surgir associados a temáticas orais agressivas, de devoração e destruição</p> |
| <p>FC, FC' ,FE E → F+ C' → K Ad → A Frg → Obj</p> | <p>- expressão emocional, associada a um continente delimitador, envelope psíquico que contém a experiência emocional - retorno a um vivido precoce, insatisfeito, procura do apagamento da inquietação e acalmia da angústia num símbolo seguinte, continente integrado - criação dum (novo) símbolo transformador dum afecto depressivo; reparador e desestabilizador, “injecção de vida “ e expansão - da dispersão e fragmentação à totalidade e reintegração num novo símbolo criado nesta sequência – movimento progrediente Ps --> D) vínculo –K --> K</p> | <p>FC, FC', FE (reduzido) Se C' → ? Ban, Pele, Geo, simetria, Estátuas</p> | <p>- dificuldade de entrega total à afectividade, surgindo associados maioritariamente a determinantes formais/continentes rígidos não verdadeiramente transformadores - respostas com referência à cor acromática, ou branca, congelamento e paralisação - não encontro com um símbolo desestabilizador, que confira movimento ao que está estático/imóvel - imaginário pobre, elevado número de Ban, desinvestimento, ausência de (novos significados); reforço dos limites, acento no igual, não transformação, intolerância ao caos e dispensão, não possibilita a reparação simbólica</p> | <p>C, C', E E → ? (textura e difusão) Clob - em grande número Conteúdos anatómicos, sex, fragm, explosão, fogo</p> | <p>- determinantes sensoriais puros em bruto, reactividade ao vermelho, ausência se continente transformador afectos maciços, fuga à dor psíquica, ausência de elaboração interna - ausência de pele psíquica e envelope contendor, com limites definidos- vínculo – K) movimentos regredientes Ps- Ps - «terror sem nome» com ausência de forma, continente, significação e transformação</p> |